



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

**VALEC**



MINISTÉRIO  
DOS TRANSPORTES

# ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL (EIA) DAS OBRAS DE IMPLANTAÇÃO DA FERROVIA OESTE LESTE (EF 334), ENTRE FIGUEIRÓPOLIS (TO) E ILHÉUS (BA)

VOLUME 2E - MEIO BIÓTICO  
FAUNA - CARACTERIZAÇÃO DO ECOSSISTEMA DA AID

## ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL (EIA) DAS OBRAS DE IMPLANTAÇÃO DA FERROVIA OESTE LESTE - EF 334

### ÍNDICE

<b>CARACTERIZAÇÃO DO ECOSISTEMA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA</b>	<b>3</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA (BIOMAS)</b>	<b>3</b>
<b>FAUNA DO CERRADO</b>	<b>4</b>
<b>FAUNA DA CAATINGA</b>	<b>7</b>
<b>FAUNA DA MATA ATLÂNTICA</b>	<b>9</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA (DADOS SECUNDÁRIOS E LEVANTAMENTO PRELIMINAR)</b>	<b>11</b>
<b>A FAUNA DO CERRADO DO SUDESTE DO TOCANTINS</b>	<b>11</b>
<b>A FAUNA DO CERRADO DO OESTE DA BAHIA</b>	<b>17</b>
<b>A FAUNA DA CAATINGA NO OESTE DA BAHIA</b>	<b>20</b>
<b>FAUNA DA MATA DE CIPÓ – TRANSIÇÃO CAATINGA /MATA ATLÂNTICA</b>	<b>21</b>
<b>FAUNA DA MATA ATLÂNTICA</b>	<b>22</b>

### ÍNDICE DE TABELAS

<i>TABELA 1 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA MASTOFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE CERRADO (SAVANA) DO TOCANTINS DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA</i>	<i>24</i>
<i>TABELA 2 – ESPÉCIES DA MASTOFAUNA REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NO CERRADO (SAVANA) DO TOCANTINS</i>	<i>24</i>
<i>TABELA 3 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA AVIFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR REALIZADO NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NO CERRADO (SAVANA) DO TOCANTINS</i>	<i>26</i>
<i>TABELA 4 – ESPÉCIES DA AVIFAUNA REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NO CERRADO (SAVANA) DO TOCANTINS</i>	<i>26</i>
<i>TABELA 5 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA HERPETOFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR REALIZADO NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NO CERRADO (SAVANA) DO TOCANTINS</i>	<i>34</i>
<i>TABELA 6 – ESPÉCIES DE ANFÍBIOS REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NO CERRADO (SAVANA) DO TOCANTINS</i>	<i>34</i>
<i>TABELA 7 – ESPÉCIES DE RÉPTEIS REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR E NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NO CERRADO (SAVANA) DO TOCANTINS</i>	<i>35</i>
<i>TABELA 8 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA MASTOFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NO CERRADO (SAVANA) DA BAHIA</i>	<i>36</i>
<i>TABELA 9 – ESPÉCIES DA MASTOFAUNA REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NO CERRADO (SAVANA) DA BAHIA</i>	<i>37</i>
<i>TABELA 10 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA AVIFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NO CERRADO (SAVANA) E ÁREA DE TRANSIÇÃO CERRADO/CAATINGA DA BAHIA</i>	<i>38</i>
<i>TABELA 11 – ESPÉCIES DA AVIFAUNA REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NO CERRADO (SAVANA) e ÁREA DE TRANSIÇÃO CERRADO/CAATINGA DA BAHIA</i>	<i>39</i>
<i>TABELA 12 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA HERPETOFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM CERRADO NA BAHIA</i>	<i>44</i>
<i>TABELA 13 – ESPÉCIES DE ANFÍBIOS REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM CERRADO NA BAHIA</i>	<i>44</i>

TABELA 14 – ESPÉCIES DE RÉPTEIS REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM CERRADO NA BAHIA	46
TABELA 15 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA MASTOFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM REGIÃO DE TRANSIÇÃO DA CAATINGA (ESTEPE) DA BAHIA	47
TABELA 16 – Espécies da MASTOFAUNA registradas EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM JEQUIÉ (REGIÃO DE TRANSIÇÃO DA CAATINGA)	47
TABELA 17 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA AVIFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM CAATINGA (ESTEPE) DA BAHIA	48
TABELA 18 – Espécies da AVIFAUNA registradas EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM CAATINGA DA BAHIA	49
TABELA 19 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA HERPETOFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR REALIZADO NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NA CAATINGA (ESTEPE) E ÁREA DE TRANSIÇÃO CERRADO/CAATINGA DA BAHIA	57
TABELA 20 – Espécies de ANFÍBIOS registradas EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM CAATINGA (ESTEPE) E ÁREA DE TRANSIÇÃO CERRADO/CAATINGA DA BAHIA	57
TABELA 21 – Espécies de RÉPTEIS registradas EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM CAATINGA (ESTEPE) E ÁREA DE TRANSIÇÃO CERRADO/CAATINGA DA BAHIA	58
TABELA 22 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA MASTOFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA MATA ATLÂNTICA (FLORESTA OMBRÓFILA) DA BAHIA	59
TABELA 23 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM MATA ATLÂNTICA (FLORESTA OMBRÓFILA) DA BAHIA	59
TABELA 24 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA AVIFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA MATA ATLÂNTICA (FLORESTA OMBRÓFILA) DA BAHIA	60
TABELA 25 – ESPÉCIES DE AVES REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM MATA ATLÂNTICA (FLORESTA OMBRÓFILA) DA BAHIA	60
TABELA 26 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA HERPETOFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NA MATA DE CIPÓ DE JEQUIÉ	67
TABELA 27 – ESPÉCIES DE ANFÍBIOS REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NA MATA DE CIPÓ DE JEQUIÉ	67
TABELA 28 – ESPÉCIES DE RÉPTEIS REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NA MATA DE CIPÓ DE JEQUIÉ	67
TABELA 29 – PONTO DE AMOSTRAGEM DA HERPETOFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA MATA ATLÂNTICA (FLORESTA OMBRÓFILA) DA BAHIA	68
TABELA 30 – ESPÉCIES DE ANFÍBIOS REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM MATA ATLÂNTICA (FLORESTA OMBRÓFILA) DA BAHIA	68
TABELA 31 – ESPÉCIES DE RÉPTEIS REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM MATA ATLÂNTICA (FLORESTA OMBRÓFILA) DA BAHIA	69

## APRESENTAÇÃO

Este estudo se destina à obtenção da LICENÇA PRÉVIA, segundo as Resoluções CONAMA 001/86 e 237/97, compreendendo a Avaliação da Viabilidade Ambiental da Ferrovia de Integração Oeste Leste (EF-334), conforme está Previsto no Plano Nacional de Viação, segundo a Lei N° 11.772, de 17 de Setembro de 2008.

O EIA está subdividido em três volumes, sendo o segundo, correspondente ao diagnóstico ambiental subdividido em 13 tomos, para facilitar a leitura e o manuseio. O conteúdo de cada volume e tomo segue a itemização estabelecida no Termo de Referência, conforme está apresentado no Quadro abaixo.

### CORRESPONDÊNCIA ENTRE O ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL E O TERMO DE REFERÊNCIA

VOLUME	TOMO	CONTEÚDO (ITENS DO TR)
VOLUME 1 O EMPREENDIMENTO	ÚNICO	1 - IDENTIFICAÇÃO DO EMPREENDEDOR E DA CONSULTORA 2 - DADOS DO EMPREENDIMENTO 3 - ALTERNATIVAS TECNOLÓGICAS E LOCACIONAIS 4 - ÁREA DE INFLUÊNCIA DO EMPREENDIMENTO
VOLUME 2 DIAGNÓSTICO AMBIENTAL	2A – MEIO FÍSICO	5.1.1 – METODOLOGIA APLICADA 5.1.2 – CLIMA 5.1.3 – GEOLOGIA 5.1.4 – GEOMORFOLOGIA 5.1.5 – SOLOS
	2B – MEIO FÍSICO	5.1.6 - RECURSOS HÍDRICOS 5.1.6.1 – HIDROLOGIA 5.1.6.2 – HIDROGEOLOGIA 5.1.6.3 – QUALIDADE DA ÁGUA
	2C – MEIO BIÓTICO - FLORA	5.2.1 – METODOLOGIA APLICADA 5.2.2 – FLORA (CARACTERIZAÇÃO DA AII, CARACTERIZAÇÃO DA AID E CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS AMOSTRADAS)
	2D – MEIO BIÓTICO - FLORA	5.2.2 – FLORA (RESULTADOS, CONCLUSÃO E DADOS BRUTOS)
	2E – MEIO BIÓTICO - FAUNA	5.2.3 – FAUNA 5.2.3.1 – CARACTERIZAÇÃO DO ECOSISTEMA DA AID
	2F – MEIO BIÓTICO - FAUNA	5.2.3.2 – METODOLOGIA DOS LEVANTAMENTOS
	2G – MEIO BIÓTICO - FAUNA	5.2.3.3 – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS (MSTOFAUNA)
	2H – MEIO BIÓTICO - FAUNA	5.2.3.3 – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS (AVIFAUNA)
	2I – MEIO BIÓTICO - FAUNA	5.2.3.3 – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS (HERPETOFAUNA)
	2J – MEIO BIÓTICO - FAUNA	5.2.3.3 – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS (ICTIOFAUNA – LEVANTAMENTO PRELIMINAR)
	2K – MEIO BIÓTICO - FAUNA	5.2.3.4 - CONCLUSÕES 5.2.4 – UNIDADES DE CONSERVAÇÃO 5.2.5 – CORREDORES ECOLÓGICOS 5.2.6 – BIOINDICADORES 5.2.7 – SÍNTESE

<b>VOLUME</b>	<b>TOMO</b>	<b>CONTEÚDO (ITENS DO TR)</b>
	2L – MEIO SOCIOECONÔMICO	5.3.1 – METODOLOGIA APLICADA 5.3.2 – CARACTERIZAÇÃO POPULACIONAL 5.3.3 – CONDIÇÕES DE SAÚDE E ENDEMIAS 5.3.4 – ESTRUTURA PRODUTIVA E DE SERVIÇOS
	2M – MEIO SOCIOECONÔMICO	5.3.5 – USO E OCUPAÇÃO DO SOLO 5.3.6 – REASSENTAMENTO E DESAPROPRIAÇÃO 5.3.7 – COMUNIDADES TRADICIONAIS E/OU QUILOMBOLAS 5.3.8 – COMUNIDADES INDÍGENAS 5.3.9 – PATRIMÔNIO HISTÓRICO, CULTURAL E ARQUEOLÓGICO
VOLUME 3 AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS AMBIENTAIS	ÚNICO	5.4 – PASSIVOS AMBIENTAIS 5.4.1 – MEIO FÍSICO 5.4.2 – MEIO BIÓTICO 6 - ANÁLISE INTEGRADA 7 - PROGNÓSTICO E AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS 8 – MEDIDAS MITIGADORAS, COMPENSATÓRIAS E PROGRAMAS AMBIENTAIS; 9 – CONCLUSÕES; 10 – BIBLIOGRAFIA; E 11 – GLOSSÁRIO
RIMA	ÚNICO	RELATÓRIO DE IMPACTO AMBIENTAL - RIMA

Este é o Volume 2, Tomo 2E – Meio Biótico – Fauna – Caracterização da área de influência indireta (biomas) e 02 – Caracterização da área de influência direta (dados secundários e levantamento preliminar), conforme o quadro acima.

## **CARACTERIZAÇÃO DO ECOSISTEMA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA**

A área de influência direta foi caracterizada com base em dados primários obtidos em uma campanha completa, conforme metodologia apresentada no tomo 2F e resultados apresentados nos tomos 2G, 2H e 2I.

Neste tomo é apresentada uma caracterização da Área de Influência Direta com base em dados secundários e em levantamento preliminar.

O levantamento preliminar ocorreu nos seguintes períodos:

entre Figueirópolis (TO) e Serra do Ramalho (BA) foi realizado entre os dias 13 e 28 de outubro de 2008 e entre Bom Jesus da Lapa e Ilhéus (BA), entre os dias 03 e 17 de fevereiro de 2009 para mastofauna

estação seca (entre 10/10/08 e 24/10/2008) e estação chuvosa (entre 22/01/09 e 12/03/09) para avifauna

o trecho oeste foi visitado de 08 a 21 de outubro de 2008 (estação seca) e de 23 de janeiro a 05 fevereiro de 2009 (estação chuvosa); ii) o trecho leste foi visitado de 15 a 28 de outubro de 2008 (estação seca) e de 15 a 28 de janeiro de 2009 (estação chuvosa) para herpetofauna

entre os dias 10 a 14 de outubro, 24 a 28 de outubro, 31 de outubro a 3 de novembro de 2008 e 13 a 24 de janeiro de 2009 para ictiofauna.

No levantamento preliminar não houve padronização de fitofisionomias amostradas por localidade para os três grupos faunísticos. As tabelas apresentadas neste tomo de espécies registradas durante o levantamento preliminar são portanto discriminadas por localidades as quais podem incluir diversas fitofisionomias. No trecho tocantinense todo de cerrado, as localidades podem apresentar diversas fitofisionomias enquanto no trecho do oeste baiano numa mesma localidade podem ocorrer ecótonos cerrado/caatinga ou cerrado/floresta ombrófila.

Os dados relativos à ictiofauna são apresentados no tomo 2J, já que o grupo não foi incluído na primeira campanha de amostragem, porém no levantamento preliminar foram obtidos dados considerados significativos.

A fauna da área de influência indireta foi caracterizada com base em dados secundários.

## **CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA (BIOMAS)**

A Ferrovia Oeste-Leste se estenderá pelo centro-sul do estado do Tocantins seguindo em direção leste, cortando o estado da Bahia de oeste a leste na sua parte meridional, passando ao longo de seu traçado pelos seguintes domínios: Savana brasileira (bioma Cerrado, incluindo várias fitofisionomias desde o cerrado sentido restrito até floresta estacional decidual ou mata seca do Vão do Paranã), Estepe brasileira (bioma Caatinga), vegetação de transição entre a Estepe (bioma Caatinga) e a Floresta Ombrófila e as florestas estacionais deciduais do Rio São Francisco (bioma Mata Atlântica), além de Áreas de Ecótonos.

A região de influência da Ferrovia de Integração Oeste Leste está inserida num cenário de grande diversidade biológica ao longo de um gradiente longitudinal. Destaca-se a alta riqueza de espécies da flora e da fauna, a presença de endemismos de três grandes biomas brasileiros, e o número significativo de espécies ameaçadas de extinção registradas, presentes tanto nas áreas de Cerrado, como nas de Caatinga e de Mata Atlântica.

## **FAUNA DO CERRADO**

A vegetação do trecho compreendido entre os municípios de Figueirópolis (TO) e Santa Maria da Vitória (BA), cerca de 600 km, integra a Savana brasileira (bioma Cerrado), conhecida pela sua elevada diversidade, associada a diversas fitofisionomias que acompanham a heterogeneidade ambiental da região.

O domínio do Cerrado compreendia uma área de aproximadamente 2.000.000 km<sup>2</sup>, com localização central na América do Sul, fazendo divisa com cinco biomas, em contato direto com as Florestas Amazônica e Atlântica, Pantanal, Chaco e Caatinga (EITEN, 1993). O Cerrado possui altitudes entre 100 a 1.800 metros acima do nível do mar e é geograficamente definido como um conjunto de chapadas e serras intercalado por extensas planícies. É um dos biomas brasileiros mais alterados pela ação humana, perdendo cerca de 2,6 milhões de hectares a cada ano. A degradação, inexpressiva até a década de 1960, tornou-se relevante com o advento da agricultura mecanizada e de programas de pecuária extensiva e hoje, estima-se que restam menos de 20% de sua cobertura original (MYERS et al. 2000).

Como agravante, menos de 2% da área total do Cerrado está preservada em Unidades de Conservação (UC) federais de proteção integral. cerca da metade de seus 2 milhões de km<sup>2</sup> originais foram transformados em pastagens com gramíneas africanas ou em monoculturas como a soja (KLINK & MACHADO 2005). Essas atividades levam à degradação do solo seja devido à remoção da camada fértil, emprego de agrotóxico e calcário, seja pelo uso de queimadas para limpar terrenos. As taxas de desmatamento são historicamente superiores às da floresta amazônica, diferenças em parte resultantes do próprio código florestal que prevê a conservação de apenas 20% desse bioma. Além disso, o esforço para a conservação do Cerrado é bem inferior ao do bioma amazônico: apenas 2,2% da área do Cerrado encontram-se legalmente protegida. Espera-se o agravamento desse cenário de uso não sustentável para o bioma Cerrado devido à expansão da agricultura e o conseqüente desenvolvimento de infra-estruturas para o transporte da soja visando torná-la mais competitiva no mercado internacional (KLINK & MACHADO 2005).

Em geral, o conhecimento sobre a fauna do Cerrado ainda é incipiente e está restrito principalmente às proximidades dos grandes centros urbanos (Goiânia, Brasília, Cuiabá) ou às áreas de construção de hidroelétricas (por ex.: UHE Serra da Mesa, UHE Manso, UHE Cana Brava, UHE Ilha Solteira, UHE Corumbá IV, entre outras). Embora diversos levantamentos tenham sido realizados nos Parques Nacionais localizados no referido Bioma (Chapada dos Veadeiros, Chapada dos Guimarães e Emas), a maior parte destes dados ainda não foi publicada, estando ainda sob a forma de relatórios técnicos que possuem acesso restrito.

De acordo com alguns estudos, a fauna de vertebrados do Cerrado é rica. Vários autores já reportaram que a alta diversidade das áreas de vegetação aberta da América do Sul podem rivalizar, ou mesmo exceder, a diversidade amazônica em alguns grupos zoológicos (REDFORD et al. 1990; MARÉS 1992; CHESSER & HACKETT 1992).

O Cerrado abriga quase um terço da biota brasileira, o que corresponde a 5 % da fauna e flora mundial. Entre as espécies da fauna presentes neste bioma há certo grau de endemismo para alguns grupos de vertebrados, como 28% para anfíbios, 17% para répteis e 9,5 % para mamíferos (Klink & Machado 2005).

Estima-se que ocorram atualmente cerca de 660 espécies de mamíferos no Brasil, dos quais 10.5% estão de alguma forma ameaçados (MACHADO et. al. 2005; REIS et al. 2006). O Cerrado é o terceiro bioma brasileiro em diversidade de mamíferos com 199 espécies descritas (incluindo morcegos), abrigando aproximadamente 34% da mastofauna continental e contendo 19 espécies endêmicas (MARINHO-FILHO et al. 2002; KLINK & MACHADO 2005). Os mamíferos do Cerrado, assim como as aves, apresentam níveis relativamente baixos de endemismo (23 espécies no total), sendo a maior parte das espécies encontrada também em outros biomas do Brasil (MARINHO-FILHO et al. 2002; KLINK & MACHADO 2005).

Com base em levantamentos bibliográficos e em campo, além da análise de material depositado em coleções científicas, Carmignotto (2004) registrou a presença de 96 espécies de pequenos mamíferos no Cerrado, ultrapassando os números anteriormente publicados (p.ex. 51 pequenos mamíferos, MARINHO-FILHO et al. 2002).

Entre os vários grupos de mamíferos com ocorrência no Cerrado, há predominância de espécies generalistas em relação ao tipo de habitat utilizado, exceto pelos primatas, predominantemente florestais e alguns roedores, com especialistas em ambiente florestais ou em ambientes abertos. Além disso, 20 espécies com ocorrência no Cerrado estão na lista de fauna ameaçada do IBAMA (MMA 2008), sendo estes principalmente mamíferos de médio e grande porte. Embora já se tenha acumulado um volume de conhecimento bastante expressivo sobre a fauna do Cerrado, ainda faltam dados em relação à variação e distribuição geográfica das espécies (MARINHO-FILHO et al. 1998 apud Seplan 2003). Além disso, a maioria dos estudos concentra-se na região “core” ou nuclear do Cerrado, por exemplo, áreas próximas à Brasília-DF, onde foram realizados inúmeros inventários mastofaunísticos (cf. MARES et al. 1989). Porém, o conhecimento atual da fauna de mamíferos do Cerrado, apesar de já ter acumulado certo número de informações, ainda possui lacunas para muitas regiões (CARMIGNOTTO 2004), dentre elas encontra-se a região diretamente afetada pela implantação da ferrovia.

A grande maioria dos estudos de longo prazo, com dados conclusivos e completos sobre a fauna de mamíferos foram realizados em unidades de conservação no Cerrado, sobretudo nas de proteção integral como o Parque Nacional das Emas, GO (RODRIGUES et al. 2002) e no Distrito Federal (MARINHO-FILHO et al. 1998; FONSECA & REDFORD 1984).



A fauna de mamíferos do Cerrado é conhecida por ocupar uma grande variedade de ambientes e possuir amplas distribuições geográficas, e embora algumas espécies ocorram em altas densidades ao longo de todo o bioma, a maioria das espécies tende a ser localmente rara (MARINHO-FILHO et al., 2002). Cerca de 54% das espécies da mastofauna ocupa tanto ambientes florestais quanto áreas abertas, enquanto 16.5% são exclusivas de áreas abertas e 29% são exclusivas de florestas.

No Cerrado foram levantadas 841 espécies de aves (SILVA, 1995, BAGNO & MARINHO-FILHO, 2001), das quais 90,7% se reproduzem nessa região. A grande diversidade de fitofisionomias presentes no bioma é distribuída na forma de um mosaico de habitats, o que favorece a existência de uma avifauna bastante rica. Considerando as aves residentes, 51,8% das espécies são dependentes de ambientes de floresta, 27,4% vivem em áreas abertas, e 20,8% são generalistas, isto é, vivem tanto em florestas como em áreas abertas (SILVA, 1995). O bioma Cerrado, por localizar-se numa região central da América do Sul, apresenta uma composição de avifauna com influências de outros grandes domínios fitogeográficos do país, fazendo limites com Amazônia, Caatinga, Mata Atlântica e Chaco (SILVA, 1995). Cerca de 200 taxa de aves presentes no Cerrado são características da Floresta Amazônica e outras 79 da Floresta Atlântica, o que ressalta a importância das matas de galeria como uma rede de corredores conectando as diversas formações vegetacionais (Silva, 1996). Devido ao contato com outros biomas, tanto abertos quanto florestais, o Cerrado possui baixo endemismo de avifauna, com apenas 36 espécies (4,3%) aves endêmicas (SILVA, 1997; CAVALCANTI, 1999; SILVA & BATES, 2002).

A herpetofauna do Cerrado apresenta uma alta diversidade de espécies, sendo comparável à diversidade encontrada na Amazônia com, ainda, um alto grau de endemismo. Por exemplo, para os anfíbios 50% das espécies são endêmicas do bioma, porcentagem esta comparável à proporção de espécies da flora exclusivas do Bioma em questão. Atualmente, são conhecidas 193 de répteis (20% endêmicas) e 131 de anfíbios (30% endêmicas) (COLLI et al. 2002; DINIZ-FILHO et al. 2008). Estes números podem representar uma sub estimativa uma vez que novas espécies tem sido descritas com relativa frequência (COLLI et al 2003 a; COLLI et al 2003b; NOGUEIRA & RODRIGUES 2006; RODRIGUES et al 2007).

O trecho tocantinense da ferrovia encontra-se totalmente inserido no bacia hidrográfica do Rio Tocantins. De regime tropical, o Rio tem cheias e vazantes de acentuado contraste, mas não experimenta seca, pois o subsolo poroso garante a infiltração e o armazenamento de água. Importantes sub-bacias no trecho tocantinense são: a do Rio Santa Teresa; a do Rio Paranã; a do Rio Palma e a do Rio Santo Antônio.

Na Bahia a bacia do Rio São Francisco corta a região e o estado no sentido sudoeste-nordeste. Seus principais afluentes pela margem esquerda são o Carinhanha, o Corrente e o Grande, já pela margem direita, Verde Grande, Paramirim, Rio das Rãs e Rio de Contas. Ainda na Bahia, a Bacia do Atlântico Leste tem como principais contribuintes os rios Almada, Mocambo, Cachoeira, Rio de Contas, Jibóia, Rio do Antônio e Gongogi.

A bacia do Tocantins e a bacia do São Francisco tem grandes trechos de cerrado. Considerado o Berço das Águas ou a Caixa D'água do Brasil, o Bioma Cerrado abriga as nascentes das principais Regiões Hidrográficas do país. As diversas drenagens que partem do Planalto Central em direção às bacias Amazônica, do Paraná e do São Francisco, entre outras, apresentam grande diversidade de paisagens fisiográficas, habitats e condições ambientais, e abrigam cerca de 780 espécies válidas de peixes.

## **FAUNA DA CAATINGA**

O trecho da ferrovia entre o município de Serra do Ramalho (BA) e Jequié (BA) com cerca de 350 km, encontra-se no domínio da Estepe brasileira (bioma Caatinga).

O domínio da Caatinga é um complexo vegetacional, inserido principalmente em uma extensa depressão, recoberta por uma vegetação xérica crescendo sobre solos rasos, e está submetida a longos períodos de seca (SILVA et al., 2003). Caracteriza-se pela sua riqueza de paisagens em zonas de tensão ecológica e pela distribuição altamente irregular das chuvas.

A Caatinga tem recebido menos atenção que outros biomas brasileiros, sendo que 41% de sua área nunca foi investigada e 80% permanece sub-amostrada (LEAL et al. 2005).

Estima-se que 30,4% a 51,7% de sua área foi modificada por atividades antrópicas, colocando este bioma como o segundo ecossistema mais degradado do Brasil. Apesar disso, trata-se do bioma com a menor extensão protegida dentre todos os biomas brasileiros e apenas 11 (>1% da região) das 47 unidades de conservação são de proteção integral. As principais ameaças ao bioma Caatinga são o desmatamento, a caça, o fogo, o sobrepastejo, as culturas agrícolas com irrigação como a soja e a conseqüente desertificação. A ferrovia poderá agravar ainda mais esse cenário, uma vez que as atividades antrópicas deverão ser aceleradas com a facilitação do transporte (LEAL et al. 2005).

Apesar disso, estima-se uma biodiversidade equiparável a de outras florestas secas ao redor do mundo: 932 espécies de plantas vasculares, 510 espécies de aves, 167 répteis e anfíbios.

O nível de endemismo varia de 3% nas aves (15 em 510) a cerca de 7% para mamíferos (10 em 143) (OLIVEIRA et al. 2003, LEAL et al. 2005).

Por meio de compilação de dados, OLIVEIRA e colaboradores (2003) e OLIVEIRA (2004) listaram entre 143 e 148 mamíferos para a região da Caatinga. Os autores concluem que se trata de um bioma menos diverso tanto no total de espécies (148) quanto localmente (cerca de 60 espécies para localidades bem amostradas), quando comparado com a Mata Atlântica e Amazônia, mas com uma riqueza equiparável a do Cerrado. De acordo com essa compilação, foram registradas a ocorrência de onze espécies de marsupiais, cinco tatus, três tamanduás, 22 pequenos roedores Cricetidae e dois Sciuridae e 13 roedores da subordem Hystricognathi, sete primatas, um único Lagomorpha silvestre, 14 carnívoros (seis Felinae, quatro Mustelidae, três Procyonidae e um Canidae), quatro Artiodactyla e um Perissodactyla. Essa compilação de dados permitiu classificar as

espécies como endêmicas (e.g. o roedor *Wiedomys pyrrhorhinus* e o mocó *Kerodon rupestris*), espécies amplamente distribuídas em outras áreas e esporádicas na Caatinga (e.g. o marsupial *Caluromys philander* e o mico-estrela *Callithrix penicillata*) e espécies amplamente distribuídas na Caatinga e em outras áreas (e.g. *Monodelphis domestica*, *Thrichomys apereoides* e *Galea spixii*). Os autores explicam que o número reduzido de espécies endêmicas da Caatinga poderia ser explicado pela grande retração das áreas áridas no passado geológico, levando à extinção de espécies com distribuição restrita. De acordo com LEAL e colaboradores (2005) e MMA (2008), há 28 espécies ameaçadas de extinção, sendo, entre os mamíferos, oito vulneráveis e uma criticamente em perigo. Entre as localidades listadas como prioritárias para estudos inclui-se os arredores de Bom Jesus da Lapa, trecho que se encontra dentro da Área de Influência Direta da Ferrovia Leste-Oeste (OLIVEIRA et al. 2003).

Segundo SILVA et al. (2003) aspectos da distribuição, evolução e a ecologia da avifauna da Caatinga continuam ainda pouco conhecidos. Estudos indicam um total de espécies entre 338 (SOUTO & Hazin, 1995), 348 (PACHECO, 2004) ou 510 (SILVA et al., 2005), nesse último caso ao se considerar conjuntamente as áreas de brejos florestados e campos de altitude. Dessas, pelo menos 23 espécies podem ser consideradas endêmicas (PACHECO, 2004, OLMOS et al., 2005).

A região afetada pelo traçado da ferrovia corresponde, em grande parte às bacias do Semi-árido principalmente no estado da Bahia.

A rede hidrográfica do semi-árido apresenta características peculiares, como o regime intermitente e sazonal, exceto alguns poucos rios perenes. As espécies de peixes que ocorrem no Semi-árido representam o resultado de processos evolutivos condicionados por fatores climáticos e pelo regime hidrológico da região. Entretanto, a influência humana através de alterações ambientais e introdução de espécies alóctones, levaram possivelmente a uma modificação na estrutura da fauna original.

Embora inventários ictiofaunísticos do semi-árido tenham sido iniciados no século XIX, o conhecimento da diversidade e a taxonomia da maior parte dos ambientes aquáticos nessa região ainda é incipiente (ROSA et al., 1993; ROSA, 1994).

Embora de grande importância para o conhecimento da ictiofauna do Nordeste, a maioria das expedições e trabalhos realizados até a primeira metade do século XX apresenta problemas taxonômicos, como identificações errôneas, descrições inadequadas e imprecisões na procedência do material, ou tiveram pequena parte do material coligido analisado cientificamente. Os estudos mais recentes estão, então, ampliando o conhecimento da ictiofauna do Semi-árido, principalmente através de coletas e descrições de espécies, revisões sistemáticas, citações ou compilações de espécies de peixes para a região (Santos & Zanata, 1996).

Aproximadamente 240 espécies de peixes ocorrem nestas drenagens (ROSA et al., 1993; ROSA, 1994). Embora a ictiofauna da região seja menos diversificada quando comparada com a de outros ecossistemas brasileiros, ela está representada por no mínimo 56 espécies endêmicas. O total de espécies de peixes conhecidas para as principais bacias (e.g., do São Francisco) pode estar

subestimado, devido à dificuldade em determinar as espécies que realmente ocorrem no Semi-árido, uma vez que os rios muitas vezes têm parte do curso fora da região.

A precisão no conhecimento da ictiofauna do Semi-árido também esbarra na ausência de levantamentos para as áreas de cabeceiras, ausência de conhecimentos precisos da sistemática e da distribuição da maioria dos táxons. O conhecimento do estado de conservação das espécies também tem sido considerado incipiente, já que apenas quatro espécies foram citadas como ameaçadas (ROSA & MENEZES, 1996). Entretanto, grande parte da ictiofauna em questão não foi ainda avaliada.

Recentemente, uma série de programas de apoio ao conhecimento da biodiversidade do Semi-árido tem sido criada com objetivo de contribuir para o desenvolvimento de estudos envolvendo a ictiofauna da região (SANTOS & ZANATA, 1996). As informações obtidas através da literatura indicam extrema necessidade de se realizar inventários da ictiofauna do Semi-árido, seguida da análise do material obtido no contexto de novas revisões sistemáticas. Além destas iniciativas, pesquisadores recomendam ações prementes na área de conservação da diversidade de peixes do Semi-árido, uma vez que vários ecossistemas aquáticos e bacias encontram-se impactados por quase toda a sua extensão. Acredita-se que os atuais programas de incentivo ao conhecimento da biodiversidade do Nordeste continuem gerando resultados valiosos à compreensão da dinâmica do Semi-árido e informações que contribuam de forma efetiva na preservação ambiental da região.

## **FAUNA DA MATA ATLÂNTICA**

O trecho da ferrovia compreendido entre o município de Ipiauí (BA) e o Oceano Atlântico, cerca de 100,0km, abriga a Floresta Ombrófila (domínio da Mata Atlântica). Segundo o IBGE a Floresta Ombrófila (da costa atlântica) ocupa área em torno de 13,04%, ou aproximadamente 1.110.182 km<sup>2</sup>, do país.

A Mata Atlântica é um dos ecossistemas mais severamente afetados pela perda e fragmentação do habitat, restando atualmente 8% da área de floresta original, a qual cobria 1.350.000 km<sup>2</sup> ou 15% do território nacional (CONSERVATION INTERNATIONAL et al. 2000, HIROTA 2005, PINTO et al. 2006). Hoje cerca de 70% dos remanescentes localizam-se em propriedades privadas, possuem área menor que 100 ha e são constituídos principalmente por matas secundárias inseridas em matrizes urbanas ou com práticas agrícolas (ALGER & LIMA 2003, PINTO et al. 2006).

Apesar da perda expressiva de habitat, a Mata Atlântica ainda abriga um número considerável de espécies, com cerca de 2.300 espécies de vertebrados e 20.000 espécies de plantas, sendo endêmicas, respectivamente, 32 e 40% do total de espécies desses grupos. É considerado o segundo bioma brasileiro em termos de diversidade de mamíferos, mas possui um número significativamente maior de espécies do que o esperado dado a sua área (COSTA et al. 2005). Abriga uma rica mastofauna composta por cerca de 250 espécies, e apresenta alto grau de endemismo, com 55 exclusivas deste bioma, principalmente primatas e roedores (CONSERVATION INTERNATIONAL et al. 2000, COSTA et al. 2005). Entre os 24 primatas que ocorrem nesse bioma, 20 são endêmicos e 15 encontram-se ameaçados. Os

pequenos mamíferos representam o grupo ecológico mais diverso entre os mamíferos desse bioma, e embora não haja compilação recente, estima-se mais de 90 espécies – 23 marsupiais e 76 roedores, sendo 45 endêmicas – com ocorrência na Mata Atlântica (Fonseca et al., 1996). Além disso, cerca de 60% das espécies de mamíferos presentes em listas de fauna ameaçada ocorre na Mata Atlântica, o que representa entre 15% a 18% das espécies desse bioma (COSTA et al., 2005, GRELE et al., 2006).

A Mata Atlântica é uma área de grande importância para a manutenção da biodiversidade brasileira, em função da alta riqueza de espécies, bem como da grande quantidade de endêmicas e ameaçadas, e ao elevado grau de fragmentação e isolamento de ambientes (CORDEIRO, 2003a). Para esse bioma podem ser listadas 682 espécies de aves, sendo 207 consideradas endêmicas (CORDEIRO, 2003b, BROOKS et al., 1999, STOTZ et al., 1996).

A floresta atlântica compreende uma série de sub-tipos variados de florestas (HUECK 1972; HUECK e SEIBERT 1981; KLEIN 1990; MANTOVANI et al, 1990 e TONHASCA Jr. 2005. Muitas das florestas originais situavam-se em terras suavemente inclinadas em direção ao mar a partir de montanhas interiores na região norte e planaltos interiores na região sul (MENEZES, OYAKAWA e CASTRO 2007).

O número de espécies, tanto vegetais como animais, da floresta pluvial original variou muito de região para região, dependendo da variação geomorfológica e clima local (MENEZES, OYAKAWA e CASTRO 2007).

A existência de aspectos ecológicos distintos nos ambientes aquáticos de florestas juntamente com mudanças climáticas através do tempo, fenômenos repetidos de isolamento e união de sistemas de riachos que drenam para o leste causados por flutuações do nível do mar e eventos de captura de riachos propiciaram especiação nos ambientes de água doce (MENEZES, OYAKAWA e CASTRO 2007).

A alteração em grande escala do habitat constitui um grave problema para aqueles que estudam os aspectos históricos da evolução e distribuição dos peixes nas regiões de mata atlântica. Além disso a sistemática e biogeografia de peixes de água doce da mata atlântica não foram objeto de estudo em profundidade, a não ser muito recentemente (WEITZMAN et al 1986; WEITZMAN et al 1988).

A ecologia de peixes de água doce das comunidades dessas florestas permanece pouco conhecida, apesar de existirem numerosos pequenos riachos permanentes na floresta pluvial que abrigam espécies coloridas, muito diversas e interessantes (MENEZES, OYAKAWA e CASTRO 2007).

A mata atlântica não constitui área de endemismo de peixes já que a maioria dos rios costeiros que a drenam têm apenas trechos inferiores neste domínio vegetacional (MENEZES, OYAKAWA e CASTRO 2007). Apesar disso vários autores desde EIGENMANN (1909) até MENEZES(1988), BIZERRIL (1994), COSTA (1995) e MENEZES (1988) incluíram os rios costeiros do leste brasileiro como áreas de endemismo (MENEZES, OYAKAWA e CASTRO 2007).

## **CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA (DADOS SECUNDÁRIOS E LEVANTAMENTO PRELIMINAR)**

Ao longo de seu traçado, a ferrovia corta trechos em diferentes graus de conservação e sob diferentes pressões de impacto, porém em todos os biomas passa por sítios de grande relevância ecológica.

No centro-sul de Tocantins há um bloco considerável de Cerrado em bom estado de preservação com potencial de abrigar populações significativas de elementos da fauna. Este bloco está associado a um dos poucos trechos onde o Rio Tocantins ainda guarda sua mata ciliar, e onde foram encontradas várias espécies ameaçadas.

De importância fundamental no trecho tocantinense da ferrovia são os trechos de floresta estacional que ainda sobrevivem associados a afloramentos de calcário. Estes remanescentes de “mata seca” são prioritários em termos de conservação, pela forte redução sofrida em sua área e pela presença de espécies únicas no bioma. Uma nova campanha em período mais favorável poderá revelar a presença de alguns endemismos deste habitat ainda não detectados na área amostrada.

O Oeste da Bahia é uma área relevante em termos de conservação do bioma Cerrado, pois mesmo com o avanço do desmatamento na região para a expansão agropecuária, ainda há uma boa concentração de remanescentes de vegetação nativa. A situação mais crítica em termos de ameaça é o extremo oeste, grande produtor de soja e algodão na região, onde os avanços sobre as áreas nativas ocorrem de forma muito rápida.

A Mata Atlântica do sul da Bahia é uma das áreas de maior prioridade em termos de conservação, por concentrar uma parcela significativa da fauna ameaçada de extinção no Brasil, sendo que no trecho estudado houve uma grande quantidade de registros de espécies endêmicas e ameaçadas. Atualmente a paisagem se constitui de um mosaico de fragmentos florestais numa matriz de pastagens, plantações e capoeiras, sendo a destruição de habitat a principal ameaça para a fauna e flora remanescente.

### **A FAUNA DO CERRADO DO SUDESTE DO TOCANTINS**

O estado de Tocantins é o terceiro em porcentagem de área coberta pelo bioma Cerrado, depois do DF e de GO, e em uma estimativa recente acerca de remanescentes vegetacionais apresentou um índice de 79% de cobertura vegetal natural (PROBIO, 2007). Esse estado abriga ainda as maiores áreas protegidas no bioma, em sua porção leste. As áreas antrópicas mais extensas do Tocantins encontram-se ao longo da rodovia BR-153, principalmente na porção sul do estado.

A região Sudeste do estado, onde se insere a área de influência direta da ferrovia apresenta a peculiaridade de representar uma zona de contato entre ecossistemas de influência amazônica, o cerrado, e a mata seca do Vale do Rio Paranã. A influência amazônica é registrada por meio das florestas ripárias localizadas nos vales dos rios; o cerrado pelas suas várias fisionomias; e a mata seca (floresta decidual) por se desenvolver sobre solos derivados do calcário Bambuí em

uma faixa muito limitada no nordeste de Goiás e sudeste do Tocantins, a oeste do maciço da Serra Geral.

A floresta estacional decidual (mata seca), é peculiar, sendo considerada uma ecorregião diferente, apresentando uma taxa considerável de endemismos da flora (PRADO 2000; CAMARGO *et al*, 2007). É uma das ecorregiões menos conhecidas e mais ameaçadas da América do Sul. Caracteriza-se por uma vegetação florestal quase totalmente decídua que pode atingir grande porte (árvores com mais de 25m) em solos mais profundos, e que apresenta afinidades florísticas com a Caatinga. É interessante ressaltar que há diferenças entre as matas secas a leste e oeste da Serra Geral, com espécies próprias de cada região.

A Ecorregião do Vão do Paranã, inclui em território Tocantinense uma faixa que compreende Taguatinga, Ponte Alta do Bom Jesus, Novo Jardim e Dianópolis onde, nos afloramentos de calcário da formação Bambuí, ocorre um dos mais significativos enclaves de Florestas Estacionais Deciduais do Brasil. A Bacia do Paranã abrange uma depressão entre o Planalto do Divisor São Francisco-Tocantins e o Planalto Central Goiano, compreendendo várias áreas consideradas prioritárias para a conservação da biodiversidade (MMA 2006).

Um dos projetos de corredores ecológicos em desenvolvimento pelo Ministério do Meio Ambiente é o Corredor Ecológico Paranã-Pirineus, o qual compreende uma área de quase 100 mil quilômetros quadrados, abrangendo 44 municípios em duas unidades da Federação (34 em Goiás e 10 no Tocantins) e parte do Distrito Federal. É o único corredor totalmente no Cerrado. As atividades relacionadas ao Corredor Ecológico do Cerrado são coordenadas pela Gerência Executiva do Ibama em Goiás, com apoio de técnicos do escritório da *Japan International Cooperation Agency* (JICA) - em Brasília (DF).

O corredor visa conectar o vale do rio Paranã (onde se situa o Parque Estadual de Terra Ronca) à região de Pirenópolis e as nascentes dos rios das Almas e Corumbá.

O Governo do Tocantins tem como meta proteger 10% do território estadual como unidades de conservação de proteção integral (categorias de manejo I-IV da IUCN), visto já ter quase alcançado o mesmo percentual em áreas de uso sustentável (categorias IUCN V-VI). Para concretizar estas metas e fortalecer o Sistema Estadual de Unidades de Conservação (SEUC), a SEPLAN/Instituto Natureza do Tocantins (Naturatins) tem investindo recursos financeiros e se mobilizando, o que incluiu um processo de identificação de áreas prioritárias para conservação da natureza.

Num processo de identificação de áreas prioritárias para conservação feito pelo Naturatins como parte das ações para atingir esta meta foram efetuadas Avaliações Ecológicas Rápidas - AERs (TOCANTINS/SEPLAN 2004a) que apontaram, para o sudeste do estado como prioritárias para a criação de unidades de conservação, duas áreas: Interflúvio Tocantins-Paraná e Vale do Rio Palmeiras. A seleção se deu principalmente devido à vulnerabilidade dessas duas áreas.

Na AER realizada na região sudeste foram identificadas 11 fitofisionomias nas áreas analisadas: o Vale do Rio Palmeiras e o Interflúvio Paraná-Tocantins (TOCANTINS/SEPLAN 2005a).

Apesar da reconhecida importância da biodiversidade no Vão do Paranã, tanto pelo governo federal como pelo governo Estadual, nada de efetivo foi feito para protegê-lo. A maior fertilidade de seus solos em relação aos cerrados e a dominância de espécies arbóreas utilizadas para a madeiramento e construção de cercas (especialmente a aroeira *Myracrodon urundeuva*) tem resultado na dramática redução das matas secas, que hoje é um dos ecossistemas mais ameaçados no Brasil. Por exemplo, Andahur (2001) analisou imagens de satélite do Vale do Paranã e constatou que as matas secas foram reduzidas de 15,8% da área analisada em 1990 para apenas 5,4% em 1999. A única UC de proteção integral existente na mata seca é o Parque Estadual Terra Ronca, em Goiás, mas este ainda não foi implantado e tem sérios problemas fundiários.

Embora reduzida a menos de 5% de sua área original e ser o habitat mais ameaçado no bioma Cerrado, as matas secas estão globalmente “protegidas” apenas em uma floresta nacional (Mata Grande) e no problemático parque estadual Terra Ronca, em Goiás (Pacheco & Olmos 2006).

### **Mastofauna**

A maior parte da informação existente sobre a mastofauna da região encontra-se em relatórios técnicos e/ou estudos de impactos ambientais de empreendimentos, principalmente usinas hidrelétricas (e.g. UHE Peixe Angical-Peixe, UHE Luis Eduardo Magalhães -Palmas, UHE São Salvador), localizados próximos ou mesmo dentro da área de influência da ferrovia.

A importância da mastofauna, principalmente das áreas de matas secas é exemplificada pela ocorrência de espécies novas: MOOJEN et al. (1997) descreveram na região uma espécie de roedor pertencente ao gênero *Kerodon* (*Kerodon acrobata*).

Uma outra característica a ser ressaltada sobre os mamíferos da área de influência da ferrovia foi apontada em levantamento prévio quando foi registrada a ocorrência de 130 espécies (tabelas 1 e 2). Neste levantamento, houve a predominância de espécies com ocorrência tanto em ambientes florestais como abertos em todas as áreas amostradas, seguidas pelas espécies restritas ao habitat florestal e por fim aquelas de áreas abertas.

Esse padrão está de acordo com aquele encontrado na literatura para o bioma Cerrado, no qual 54% das espécies da mastofauna ocupam tanto ambientes florestais quanto áreas abertas, enquanto 16,5% são exclusivas de áreas abertas e 29% são exclusivas de florestas (Marinho-Filho et al. 2002, SEPLAN 2003).

As espécies que usam os dois tipos de habitat também necessitam de áreas florestadas para sua sobrevivência (e.g., abrigo, fonte de recursos alimentares) e certamente serão afetadas por desmatamentos de remanescentes florestais. Destacam-se entre as espécies encontradas no levantamento prévio com essas características o tamanduá bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) e os felinos (*Leopardus pardalis*, *Leopardus* spp., *Puma concolor* e *P. yagouaroundi*). O tamanduá-bandeira e a maioria dos felinos já estão listados como fauna brasileira ameaçada de extinção e também se encontram na lista da IUCN (2008). Entre as espécies de área aberta, estão presentes, típicos da fauna associada ao Cerrado



*sensu stricto*, o lobo guará (*Chrysocyon brachyurus*) e a raposinha (*Lycalopex vetulus*).

Outro registro de ocorrência interessante na área de influência da ferrovia no Tocantins é a anta (*Tapirus terrestris*), incluída na categoria Vulnerável (VU).

### Avifauna

O Vale do Paranã constitui um dos centros de endemismos de aves do cerrado (SILVA & BATES 2002; CONSERVATION INTERNATIONAL 2007).

A avifauna reflete a heterogeneidade de habitats presentes, que inclui cerrados com várias fisionomias, lagoas, veredas, e as raras matas secas que crescem sobre maciços calcários. PACHECO & OLMOS 2006 encontraram uma população considerável do incomum poiaeiro-do-sertão *Phyllomyias reiseri*, espécie das matas semidecíduas do interior, e também foi registrada a ocorrência na região do ameaçado jacu - *Penelope ochrogaster*.

Um ponto interessante levantado por PACHECO & OLMOS 2006, é a presença na área de espécies que já foram consideradas como restritas à Caatinga, como o sofreu *Icterus jamacaii* (que ali co-ocorre com seu parente do Brasil Central, *I. croconotus*) e o curioso traupineo *Compsothraupis loricata*. A presença desses elementos torna os cerrados da região bastante particulares em relação a outras áreas do Tocantins onde estas espécies estão ausentes.

Estes autores encontraram na área Tocantins-Paraná 308 espécies das 254 registradas para o sudeste do estado.

Destacam-se as aves aquáticas migratórias encontradas em lagoas marginais do rio Paranã, incluindo grandes grupos de marrecas *Dendrocygna viduata*, *D. autumnalis*, *Mycteria americana* e *Platalea ajaja*. Espécies mais raras como o putrião *Sarkidiornis sylvicola* também foram registradas.

As praias formadas ao longo do Paranã constituem sítio de nidificação para *Rynchops niger* e, provavelmente, *Phaetusa simplex* e *Sternula superciliaris*, além de *Vanellus cayanus*.

A avifauna das Florestas Deciduais do Vão do Paranã foi objeto de inventários na região do Parque Estadual Terra Ronca, Goiás, onde 134 foram encontradas (MARTINS 2007) e, no Tocantins, em Ponte Alta do Bom Jesus, com 125 espécies no conjunto de Cerrado e Florestas Deciduais, e Aurora do Tocantins, com 118 espécies nas florestas semidecíduas e áreas adjacentes (PACHECO & OLMOS 2006).

A maior parte das aves das Florestas Deciduais é compartilhada com as formações arbóreas e Matas de Galeria do Cerrado próximo, embora algumas pareçam atingir maior densidade neste habitat. Algumas espécies são fortemente associadas ou mesmo restritas a este habitat. *Knipolegus franciscanus* parece ocorrer quase exclusivamente nas Florestas Deciduais sobre a Formação Bambuí no sudeste do Tocantins-nordeste de Goiás, na bacia do rio Paranã, e no norte de Minas Gerais e oeste da Bahia, na bacia do São Francisco (OLMOS 2008).

*Phyllomyias reiseri* é uma verdadeira espécie do "arco pleistocênico" de formações decíduas que liga a Caatinga ao Chaco, enquanto *Compsothraupis loricata* ocorre na Caatinga com populações isoladas nas matas secas sobre

calcário do sudeste do Tocantins, nordeste de Goiás e do médio Araguaia (p. ex. Lagoa da Confusão), também podendo ser considerada uma espécie do "arco". Todas estas espécies foram encontradas neste habitat na região de Ponte Alta do Bom Jesus durante realização de Avaliação Ecológica Rápida - AER (PACHECO & OLMOS 2006).

O periquito *Pyrrhura pfrimeri* é um verdadeiro endemismo das Florestas Deciduais do Vão do Paranã, ocorrendo em uma estreita faixa entre Iaciara (GO) e Dianópolis (TO), sendo considerada gravemente ameaçada de extinção devido à perda de seu habitat (OLMOS *et al.* 1997, C. Bianchi in litt.).

O levantamento preliminar da avifauna registrou a ocorrência de 293 espécies na área de cerrado do Tocantins de influência da ferrovia (tabelas 3 e 4).

Alguns pontos interessantes registrados no levantamento preliminar corroboram os estudos citados anteriormente e incluem:

Existem Áreas na região cortada pela ferrovia onde a avifauna presente é típica de ambientes savânicos do cerrado, com a presença de espécies endêmicas do bioma como *Penelope ochrogaster*, *Melanopareia torquata*, *Antilophia galeata*, e *Cyanocorax cristatellus*;

Observações sobre as proximidades do rio Tocantins, onde há áreas inundáveis e mata ciliar e a avifauna apresenta uma composição de espécies mais variada e algumas peculiaridades importantes. Embora a maior parte da área de estudo seja formada por vegetação de Cerrado e mostrar espécies típicas deste bioma, nas matas ciliares e de galeria ocorrem elementos da avifauna amazônica como *Crypturellus soui*;

Dezenas das espécies migratórias como *Volatinia jacarina*, *Sporophila lineola* e *Sporophila nigricollis* estão presentes apenas no período de chuvas.

### **Herpetofauna**

A herpetofauna do cerrado ao longo da bacia do rio Tocantins foi estudada por PAVAN (2007). De acordo com a divisão adotada por este autor a área de influência da ferrovia oeste/leste no cerrado encontra-se ao sul da Depressão do Tocantins, com destaque para a localidade de Paranã. Nesta localidade ocorrem matas secas (incluídas por RIBEIRO & WALTER (2005) dentre as fitofisionomias de cerrado) e cerrado sobre solo raso com grande quantidade de cascalho de quartzo.

Ocorrem ainda como ambientes especialmente importantes para anfíbios, lagoas temporárias, acima da planície aluvial do rio. A herpetofauna das áreas de mata seca compartilha espécies da caatinga como o anuro *Pleurodema diplolister*. Outros anuros como *Pseudis tocantins*, *Leptodactylus pustulatus*, *Leptodactylus podicipinus*, *Dermatonotus muelleri*, *Hypsiboas punctatus* e *Osteocephalus aff. taurinus* que se reproduzem em ambientes aquáticos lênticos são, segundo PAVAN 2007, relativamente abundantes em Paranã.

Poucos estudos foram realizados sobre a herpetofauna da região, o que pode ser exemplificado pelos Inventários herpetológicos nas florestas do Vão do Paranã no norte de Goiás (WERNECK 2006) quando foram encontradas 20 espécies de lagartos, incluindo *Lygodactylus klugei* e *Briba brasiliana*, espécies que já foram

consideradas restritas à Caatinga, e uma espécie nova de *Mabuya* que parece ser endêmica das Florestas Deciduais desta ecorregião WERNECK & COLLI (2006). Outras 11 espécies têm ampla distribuição e sete são compartilhadas com o Cerrado.

No levantamento preliminar da herpetofauna da região, nos pontos que constam da tabela 5, foram registradas 41 espécies de anfíbios, incluindo uma espécie nova do gênero *Hypsiboas* e 33 espécies de répteis. As tabelas 6, e 7 apresentam as espécies da herpetofauna (respectivamente anfíbios e répteis) registradas neste levantamento.

Aproximadamente 8% das espécies registradas no levantamento preliminar foram observadas apenas em Gurupi, na Depressão do Tocantins onde a vegetação predominante é Floresta Estacional Semidecídua. De fato, a herpetofauna associada à Depressão do Tocantins é bastante diferenciada daquela registrada em regiões planálticas do Brasil Central (PAVAN 2007). Estes dados demonstram a restrição na ocupação do habitat de importância de ambientes florestais para algumas espécies de anuros.

Dentre as espécies registradas no levantamento preliminar, o lagarto *C. mumbuca* é típico de fisionomias abertas de Cerrado da Depressão do Tocantins (Nogueira 2006, Pavan 2007), enquanto que a perereca *D. anataliasiasi* é encontrada apenas nos trechos superiores dos Rios Araguaia, Tocantins e Xingu (Frost 2008). A perereca *Hypsiboas* sp. nova tem distribuição conhecida para a Depressão do Tocantins (em lagoas atualmente submersas pelo reservatório da UHE Luis Eduardo Magalhães e em Guaraí) e uma localidade na bacia do Rio Araguaia (Pavan 2007).

Quanto ao estado de conservação das espécies da herpetofauna registradas no levantamento preliminar, em nível internacional, o Tracajá (*Podocnemis unifilis*) está listado como vulnerável pela Lista Vermelha da IUCN (2008) e o Jacaretinga (*Caiman crocodilus*) e o Jacaré-coroa (*Paleosuchus palpebrosus*), como de baixa preocupação. Além disso, constam no Apêndice II da CITES (UNEP-WCMC 2008): o Jabuti piranga (*Chelonoides carbonaria*), o Tracajá (*P. unifilis*), os teiús (*Tupimambis merianae* e *T. teguixin*), a iguana (*Iguana iguana*) e a jibóia arco-íris (*Epicrates cenchria*). O Apêndice II da CITES refere-se a espécies não necessariamente ameaçadas, mas cujo comércio necessita ser controlado para prevenir a utilização incompatível com a sobrevivência das mesmas.

### **Ictiofauna do Rio Tocantins**

O rio Tocantins é no presente momento o foco principal dos grandes empreendimentos hidrelétricos. Por esse motivo, ele é um dos rios mais ameaçados do ponto de vista ambiental, com projetos de grande monta, desde suas cabeceiras (UHE Serra da Mesa) até próximo a sua foz (UHE Tucuruí), com inúmeros empreendimentos hidrelétricos construídos, em implementação e/ou projetados. Além disso, os grandes empreendimentos agropecuários situados ao longo do rio e seus tributários demandam enorme volume de água, reduzindo a disponibilidade hídrica do sistema como um todo.

A ictiofauna da bacia do rio Tocantins é uma das mais ricas do país com mais de 400 espécies descritas para toda a bacia (ABELL *et al.* 2008), número que pode

chegar a mais de 600 espécies válidas. De acordo com ABELL *et al.* (2008), essa bacia apresenta alta riqueza, alto endemismo e média densidade de espécies por quilometro quadrado. No entanto, o estudo de ABELL *et al.* (2008) foi baseado somente em dados da literatura, e as estimativas do número total de espécies são certamente inferiores à diversidade real da bacia. Como exemplo, de acordo com os estudos recentes (SOARES *et al.*, no prelo) efetuados somente na região onde irá passar o traçado da Ferrovia, foi registrado um número de 288 espécies de peixes somente no curso principal do rio Tocantins, indicando uma altíssima diversidade. Se for levado em consideração que os trabalhos de inventário de usinas hidrelétricas geralmente não enfocam a fauna de pequenos riachos, esse número deve crescer consideravelmente, que além de abrigar uma fauna residente com alto grau de endemismo ainda é pouco conhecida (CASTRO, 1999) e estudada (ESTEVES & ARANHA, 1999).

Do ponto de vista pesqueiro, a bacia do Tocantins/Araguaia foi estudada em profundidade por RIBEIRO *et al.* (1995) que atribuem uma contribuição pesqueira marginal do rio Tocantins, dadas as características de um rio de planalto, distinto do rio Araguaia que corre na planície (LOWE-MCCONNELL, 1975; 1999; WELCOMME, 1979).

## A FAUNA DO CERRADO DO OESTE DA BAHIA

Ao longo do traçado da ferrovia os domínios do Cerrado se estendem do Tocantins para leste alcançando a porção oeste do estado da Bahia, que destaca-se pelo predomínio da fisionomia savânica na sua porção central. Essa é uma região de ecótono com a formação savana-estépica do bioma Caatinga. As fisionomias florestais ocorrem na porção oriental do estado, enquanto as fisionomias campestres predominam na porção noroeste (PROBIO, 2007). O Cerrado no oeste baiano encontra-se profundamente alterado, já que a região destaca-se pela produção agrícola de grãos de sequeiro e, mais recentemente, de café e algodão irrigado, resultando em uma dominância de cobertura vegetal antrópica.

Os principais dados sobre a fauna do cerrado baiano dizem respeito a estudos pontuais como os realizados na Fazenda Jatobá, em Correntina, que no entanto são de difícil acesso. No sítio da ONG GAIA que tem parceria com a empresa responsável pela fazenda (disponível em: <http://www.gaia-movement.org/>), constam apenas relatórios parciais de atividades de monitoramento e que tem a função principal de divulgação do projeto e não de informar os dados de pesquisa e monitoramento que já vem sendo feitos na fazenda há vários anos.

### Mastofauna

Estudos sobre a mastofauna do cerrado foram realizados por CARMIGNOTTO (2004) no Parque Nacional Grande Sertão Veredas-PNGSV, MG, (cerca de 200km do eixo da FIOL, mas que compõe o mesmo chapadão a oeste do rio, de modo que biogeograficamente pode-se esperar a ocorrência das mesmas espécies). Esta autora amostrou as fisionomias de mata de galeria, Cerrado *sensu stricto*, carrasco, campo limpo e campo úmido com armadilhas do tipo *pitfall*. Com base nesses dados e outros dados secundários, Carmignotto contabiliza um total de 25 espécies de pequenos mamíferos para a região do PNGSV. Essa autora conclui que a fauna

de pequenos mamíferos dessas localidades é composta por espécies amplamente distribuídas no Cerrado e Caatinga, espécies da Amazônia e Mata Atlântica, além de espécies endêmicas do Cerrado.

O trecho entre Caetité e Bom Jesus da Lapa, é uma região carente de inventários e considerada área prioritária para estudos (OLIVEIRA *et al.* 2003). A informação hoje disponível sobre a mastofauna da área de influência da FIOB no trecho Caetité encontra-se em relatórios técnicos e/ou estudos de impactos ambientais relacionado às atividades de mineração do Ferro pela Bahia Mineradora LTDA ([www.bamin.com.br](http://www.bamin.com.br)) localizada no município de Caetité.

Naquele estudo, a amostragem de pequenos, médios e grandes mamíferos terrestres, abrangendo fisionomias de campo ruprestre, Cerrado degradado, Caatinga, campos gerais, floresta estacional e áreas antrópicas, dentro de área da Bahia Mineradora em Caetité, revelou a presença de 40 mamíferos terrestres, sendo 11 pequenos mamíferos (seis marsupiais e cinco roedores) e 29 animais de médio e grande porte.

No levantamento preliminar realizado na área de cerrado do oeste baiano de influência da ferrovia, foram registradas 52 espécies da mastofauna (tabelas 8 e 9). Registros importantes da mastofauna obtidos no levantamento preliminar nestas localidades incluem a cuíca - *Thylamys karimii*, considerada Vulnerável VU(IUCN) e os grandes mamíferos, tamanduá-bandeira - *Myrmecophaga tridactyla* (VU\_BR\_PA IUCN), o tatu-bola- *Tolypeutes tricinctus* VU(BR, IUCN), os felinos *Leopardus (Oncifelis) colocolo* VU(BR), PA (IUCN), *Leopardus tigrinus* VU(BR, IUCN), *Panthera onca* VU(BR, PA(IUCN), *Puma concolor* VU(BR), o lobo guará *Chrysocyon brachyurus* VU(BR\_PA\_IUCN), a anta - *Tapirus terrestris* VU(IUCN), o cervo do Pantanal *Blastocerus dichotomus* VU (BR, IUCN), cujo registro é duvidoso já que foi obtido apenas por entrevista. Entre as espécies endêmicas foram registradas *Wiedomys pyrrhorhinus*-endêmico da caatinga, *Kerodon rupestris* e a raposinha do campo - *Lycalopex vetulus*, endêmicos do cerrado.

### Avifauna

Existem poucos levantamentos de avifauna na região de cerrado da Bahia na área de influência da ferrovia, no entanto a lista de espécies da avifauna do estado que inclui dados de distribuição e habitat das espécies (Sousa & BORGES 2008) mostra que a região de cerrado do oeste do estado, apesar de conter habitats bastante alterados, ainda apresenta uma avifauna representativa.

No levantamento preliminar realizado foram registradas 280 espécies de aves na área de cerrado da Bahia sob influência da ferrovia (tabelas 10 e 11).

Dentre as espécies que apresentaram maiores abundâncias relativas nesta região na época seca estão *Aratinga cactorum* e *Sicalis luteola*. Na estação chuvosa, muitas espécies apresentaram abundâncias notavelmente maiores, dentre elas *Brotogeris chiriri*, *Columbina squammata*, *Coryphospingus pileatus*, *Myiodinastes maculatus*, *Troglodytes musculus*, *Columbina picui*, *Volatinia jacarina* e *Furnarius rufus*.

Três das espécies encontradas no levantamento preliminar *Euscarthmus rufomarginatus*, *Neothraupis fasciata* e *Charitospiza eucosma*, são classificadas pela IUCN como Quase Ameaçadas. Estas três espécies são endêmicas do Cerrado e

dos enclaves de savanas na Amazônia (*E. rufomarginatus* e *N. fasciata*) que podem ser considerados disjunções daquele bioma.

### **Herpetofauna**

Informações sobre a herpetofauna do cerrado do oeste da Bahia estão dispersas em trabalhos sobre determinadas espécies (Nogueira & Rodrigues, 2006; SILVA, 2007; Roberto et al, 2009) ou em trabalhos gerais sobre o São Francisco com algumas referências à ocorrência de espécies na área em questão.

O oeste baiano apresenta ambientes abertos, campos e interflúvios, habitats onde se concentra a maior parcela da riqueza e dos endemismos dos lagartos do cerrado. Estes ambientes são justamente os mais visados para expansão agropecuária e conseqüente perda de habitats (KLINK, MACHADO, 2005), evidenciando que a perda de espécies poderá se concentrar nas espécies endêmicas dependentes de ambientes abertos, especialmente nas regiões de grandes planaltos, tais como da alta bacia platina ou do oeste baiano, já amplamente ocupados.

Foi realizado levantamento prévio da herpetofauna, (tabelas 14, 15 e 16) quando foram registrados 34 espécies de anfíbios e 24 espécies de répteis.

A grande maioria dos estudos sobre a anurofauna da Bahia foi feita no litoral. O número expressivo de novas espécies para a região registradas no levantamento preliminar demonstra o quão desconhecida é a mesma. Estas espécies geralmente ocorrem em abundância alta, o que reforça ainda mais a ausência de estudos e inventários na área do empreendimento.

### **Ictiofauna do São Francisco**

A bacia do Rio São Francisco é a maior bacia exclusivamente brasileira. Apesar de sua importância, ela é a que vem sofrendo os maiores impactos ambientais, tanto pela sua proximidade com grandes centros urbanos como pelo seu uso para a geração de energia elétrica e consumo humano (incluindo irrigação). Apesar de não ser um rio exclusivo do Semi-Árido, pois suas cabeceiras drenam as regiões sul e sudeste, ele é o mais importante recurso hídrico da região central do Brasil, como pode ser observado pelos projetos do governo para irrigação e também pelo projeto de transposição de águas para outras bacias do Semi-Árido, como as bacias dos rios Apodi, Jaguaribe, Piranhas e Paraíba do Norte.

A fauna de peixes da bacia do rio São Francisco é relativamente bem conhecida, se comparada à de outras bacias do território nacional. Os registros mais recentes das espécies de peixes de água doce da bacia do rio São Francisco compreendem uma ictiofauna composta por 173 espécies, sendo 65 caraciformes, 64 siluriformes, 25 ciprinodontiformes, onze perciformes, seis gimnotiformes um sinbranquiforme e um clupeiforme de acordo com levantamento bibliográfico baseado nos trabalhos de BRITSKI *et al.*, (1984); SATO & GODINHO (1999); REIS *et al.* (2003); BUCKUP *et al.* (2007).

## A FAUNA DA CAATINGA NO OESTE DA BAHIA

Na Bahia, a caatinga compreende 258 municípios, distribuídos em uma área de 388 mil 274 km quilômetros quadrados, o que equivale a 54 por cento do território, onde vive uma população estimada em 6 milhões 317 mil habitantes.

A maioria das informações sobre a fauna da caatinga na Bahia, no entanto, dizem respeito à Chapada Diamantina, que forma um conjunto contínuo de extensos platôs, com altitude variando de 600 a 1300m, onde os solos são profundos e muito pobres nos topos dos morros e rasos e pedregosos nas áreas de relevo acidentado e que na verdade tem vegetação bastante variada, embora a maior parte seja recoberta pela caatinga hipoxerófila. Embora possam ser utilizadas as informações referentes à caatinga precisam ser triadas em referências da Chapada Diamantina.

A área de influência da ferrovia compreende uma das áreas prioritárias para conservação do bioma, nos arredores de Bom Jesus da Lapa.

### Mastofauna

A ferrovia interceptará vários trechos com ecótonos de cerrado/caatinga, sendo Jequié a única localidade onde foi amostrada mastofauna na caatinga no levantamento preliminar (tabelas 17 e 18).

Foi registrada a ocorrência de 32 espécies, a maior parte delas apenas por meio de entrevistas. É interessante notar que dentre os mamíferos endêmicos da caatinga, foi encontrado no levantamento preliminar, em Jequié, apenas *Kerodon rupestris*.

Em Jequié ocorre um mosaico que inclui desde caatinga até mata de cipó e uma fauna bastante particular.

É provável que mamíferos mais suscetíveis ao impacto da ferrovia ocorram na mata de cipó em Jequié e não na caatinga da mesma localidade.

### Avifauna

Além da lista de aves da Bahia (Sousa & BORGES 2008), que discrimina as espécies com ocorrência na caatinga, o principal trabalho sobre a avifauna que compreende a Bahia é o de PACHECO & Bauer (2000) apresentam uma lista de aves exclusivas da caatinga e Cardoso da SILVA *et al* apresentam uma extensão desta lista com espécies que ocorrem também em outros biomas.

O levantamento prévio da avifauna da caatinga da Bahia na área de influência da ferrovia registrou a ocorrência de 322 espécies (tabelas 19 e 20).

Alguns aspectos da avifauna da caatinga da Bahia na área de influência da ferrovia destacados no levantamento preliminar foram a ocorrência de grandes variações sazonais na composição e abundância das espécies e quanto ao status de conservação a ocorrência de 14 espécies endêmicas (*Aratinga cactorum*, *Nyctiprogne vielliardi*, *Picumnus pygmaeus*, *Sakesphorus cristatus*, *Herpsilochmus sellowi*, *Hyllopezus ochroleucus*, *Scytalopus diamantinensis*, *Xiphocolaptes falcirostris*, *Gyalophylax hellmayri*, *Sporophila albogularis*, *Arremon franciscanus* e *Saltator atricollis*).

Dentre as espécies registradas ocorreram tanto elementos conspícuos e disseminados *Aratinga cactorum*, como aquelas de hábitos mais furtivos como *Sakesphorus cristatus* (PACHECO & BAUER 2008).

### **Herpetofauna**

Foi realizado levantamento prévio da herpetofauna em área de influência direta da ferrovia em ecótono cerrado/caatinga, conforme tabela 23, 24 e 25. Foram registradas 29 espécies de anfíbios e nove espécies de répteis.

### **Ictiofauna do São Francisco na Caatinga**

O Rio São Francisco começa a drenar áreas de caatinga no seu médio curso, ainda em Minas Gerais, na altura do município de Januária. À jusante de Januária, o rio Verde Grande, afluente da margem direita em território mineiro, drena áreas de semi-árido moderado a partir da serra do Espinhaço (ROSA *et al.*, 2003).

No trecho entre o rio Verde Grande e a represa de Sobradinho, os afluentes da margem esquerda, como os rios Cariranha, Corrente e Grande, drenam fragmentos de caatinga, e nascem no chapadão oriental em áreas mais úmidas, sendo cadalosos e perenes em seus cursos. Neste mesmo trecho, porém na margem direita, os rios drenam áreas mais extensas de caatinga e apresentam regime intermitente, com exceção de suas cabeceiras na porção oeste da Chapada Diamantina (ROSA *et al.*, 2003).

A fauna dessa bacia apresenta alto endemismo (58 espécies, segundo ROSA *et al.*, 2003) e na região da Caatinga, principalmente nos afluentes da margem esquerda, a ictiofauna é pouco conhecida e estudada.

### **Ictiofauna da Bacia do Leste**

A região da bacia do Leste sob influência da caatinga compreende as bacias costeiras abaixo da foz do São Francisco até o rio de Contas, na Bahia. As bacias da região podem ser divididas em dois grupos: as bacias costeiras ao norte da chapada Diamantina como os rios Sergipe, Vaza Barris, Real e Itapecuru, e as bacias do vertente leste da chapada Diamantina, que incluem os rios Paraguaçu e Contas. Os rios Paraguaçu e Contas se mantêm perenes graças às suas cabeceiras na chapada Diamantina, à inclinação do terreno e à pequena retenção de água no subsolo, apesar de alguns afluentes intermitentes. As bacias ao sul do rio de Contas caracterizam a zona de transição entre o regime temporário dos rios nordestinos e o regime regular das bacias do sudeste do Brasil (ROSA *et al.*, 2003).

Segundo ROSA *et al.* (2003) foram registradas na bacia do Leste, na área de caatinga, 28 espécies de peixes das quais 16 são endêmicas.

## **FAUNA DA MATA DE CIPÓ – TRANSIÇÃO CAATINGA /MATA ATLÂNTICA**

O sudoeste da Bahia é uma região semi-árida, marcada pela presença da mata de cipó, um ecossistema de transição entre a mata atlântica e caatinga.

Este ambiente, semelhante a uma mata secundária é bastante hostil, caracterizado pela grande quantidade de cipós que apresenta. Possui um dossel semiaberto, ausência de sub-bosque (o que permite a incidência direta da luz solar



no chão da floresta), solo seco e pobre em serrapilheira floresta estacional semidecidual do planalto da Conquista (Mata de Cipó).

A ferrovia terá em sua área de influência direta a mata de cipó de Jequié.

No levantamento preliminar a mata de cipó só foi amostrada para herpetofauna, quando foram registradas 12 espécies de anfíbios e duas espécies de répteis (tabelas 26, 27 e 28).

A mata de cipó de Jequié é de grande importância para a avifauna, pela ocorrência do gravatazeiro (*Rhopornis ardesiacus*), espécie ameaçada e associada a este habitat.

## FAUNA DA MATA ATLÂNTICA

O trecho da ferrovia, entre Bom Jesus da Lapa e Ilhéus atravessa áreas de Mata Atlântica (Ilhéus-Uruçuca).

No município de Jequié (BA) ocorre a transição entre o bioma Caatinga e a Floresta Estacional Decidual e Floresta Ombrófila (bioma Mata Atlântica).

A região sul da Bahia, mais especificamente a faixa compreendida entre os rios Jequitinhonha e Contas, conserva a parcela mais significativa deste bioma no Nordeste do Brasil, apresentando uma grande riqueza de espécies da fauna e de flora, sendo considerado um dos principais centros de endemismo da Mata Atlântica (Araújo *et al.*, 1998).

### Mastofauna

Com base na distribuição dos mamíferos endêmicos da Mata Atlântica, VIVO (1997) e COSTA *et al.* (2000) reconhecem a existência de padrões na distribuição dessa fauna, ou seja, parece haver sub-regiões mastofaunísticas para a Mata Atlântica, as quais constituem centros de endemismos com alta diversidade. Parte da área do empreendimento deverá atravessar a região mastofaunística denominada por VIVO (1997) “Sudeste da Bahia” (entre o rio São Francisco e o norte do Espírito Santo) ou “Costa Sudeste”, segundo Costa e colaboradores (2000). Portanto trata-se de uma área rica em endemismos e diversa como mostram os inventários já realizados na região, e também uma região singular, diferente das demais áreas de Mata Atlântica ao longo da costa brasileira.

Uma pesquisa bibliográfica revelou que a área da FIOLE localizada mais a leste e, portanto, dentro do bioma Mata Atlântica, é a mais conhecida, com o maior número de inventários, principalmente os realizados na Reserva do Una, Ilhéus, Pau Brasil e Buerarema, próximos ao trecho de Itacaré. Segundo PARDINI (2001), a região de Una abriga cerca de 32 espécies de mamíferos terrestres e o levantamento de VAZ (2005), revelou a presença de 42 espécies de mamíferos terrestres em Ilhéus e Buerarema. Incluindo esses dois importantes levantamentos e outros trabalhos realizados na região.

No levantamento preliminar foi registrada a ocorrência na área de influência da ferrovia de 34 espécies de mamíferos (tabelas 29 e 30), sendo sete destas consideradas com algum grau de ameaça: *Bradypus torquatus* ED(MA), VU (BR), EN (IUCN), *Callithrix kuhlii* ED(MA), PA (IUCN), *Leontopithecus chrysomelas* ED(MA) EN(BR, IUCN), *Leopardus tigrinus*<sup>#</sup> / *L. wiedii*<sup>\*</sup> VU(BR, IUCN<sup>#</sup>) / PA (IUCN)<sup>\*</sup>,

*Puma concolor* VU(BR), *Callistomys pictus* ED(MA) VU (BR) EN (IUCN), *Chaetomys subspinosus* ED(MA) VU (BR, IUCN).

### **Avifauna**

O bioma Mata Atlântica concentra o maior número de aves ameaçadas do Brasil, constituindo a região prioritária para ações que visem evitar a extinção de espécies. O Centro de Pernambuco e o Corredor Central da Mata Atlântica (incluindo Mata de Cipó) formam o conjunto com maior número de espécies ameaçadas endêmicas do Brasil (OLMOS, 2005).

No levantamento preliminar foram registradas na mata atlântica de área de influência da ferrovia, 285 espécies de aves. Neste bioma foi registrado o maior número de espécies ameaçadas ao longo da ferrovia.

### **Herpetofauna**

A conservação dos últimos fragmentos de Mata Atlântica é fundamental para garantir a sobrevivência das comunidades de anfíbios desta região, recentemente apontada como sendo o maior refugio paleoclimático para anfíbios de toda a Mata Atlântica.

As matas do litoral do sul da Bahia apresentam grande número de espécies de anfíbios, sendo esta considerada a área com maior número de endêmicos do Brasil. A maioria das espécies ocorre em baixa abundância (são raras).

No levantamento prévio realizado em mata atlântica foram registradas 31 espécies de anfíbios e oito espécies de répteis.

### **Ictiofauna da Mata Atlântica**

No sul da Bahia há um forte contraste entre riachos muito pequenos dentro de áreas com florestas remanescentes e riachos maiores em áreas desmatadas adjacentes. Nos primeiros, 15 ou 20 espécies de peixes podem ser encontradas enquanto que nos últimos podem existir sete espécies ou até menos (MENEZES, OYAKAWA e CASTRO 2007).

Em áreas desmatadas os pequenos riachos desaparecem. Mesmo riachos permanentes em ambientes alterados tendem a apresentar menores riqueza e diversidade (MENEZES, OYAKAWA e CASTRO 2007).

Sobrevivem em riachos de ambientes antropizados a maioria das espécies de lambari (*Astyanax*) (CASTRO et al 2005) e alguns bagres da família Loricariidae e da família Callichthyidae. Outros bagres das famílias Trichomycteridae e Heptapteridae tem certa plasticidade ecológica, podendo viver em uma variedade de habitats (MENEZES, OYAKAWA e CASTRO 2007).

Em riachos de floresta espécies de *Astyanax* são substituídas em parte por espécies do gênero *Deuterodon*.

Os sistemas costeiros do Sul da Bahia ao Rio de Janeiro foram considerados por COSTA (1995) como distintos pela presença do gênero *Leptolebias*.

**TABELA 1 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA MASTOFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE CERRADO (SAVANA) DO TOCANTINS DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA**

PONTO/FITOFISIONOMIA	CÓDIGO	LAT. SUL	LONG. OESTE
Gurupi – savana arbórea aberta (cerrado)			
GUR 1 Fazenda Tucunaré (Entrevista)	GUR	11° 49' 47,0"	48° 54' 3,1"
São Valério da Natividade – savana arbórea aberta (Cerrado, sensu stricto sobre solos calcáreos)			
SVA 2A (Sherman e Trapa)	SVA	12° 04' 51,2"	48° 08' 5,6"
SVA 2B (Sherman e Trapa)	SVA	12° 04' 53,9"	48° 07' 58,1"
SVA 2C (Trapa)	SVA	12° 05' 27,7"	48° 06' 48,7"
SVA 2D	SVA	12° 04' 12,4"	48° 09' 16,1"
Paraná – savana arbórea aberta (cerrado sensu stricto sobre solos rochosos e rasos)	PAR	12°32'11.7"	47°49'59.8"
PAR 3A (Sherman e Trapa)	PAR	12° 32' 32,9"	47° 50' 15,2"
PAR 3B (Sherman e Trapa)	PAR	12° 31' 28,8"	47° 50' 22,3"
PAR 3C (Trapa)	PAR	12° 31' 28,8"	47° 50' 20,7"
PAR 3D (Entrevista)	PAR	12° 23' 19,3"	47° 56' 00,9"
PAR 3E - Fazenda Serra Grande (Entrevista)	PAR	12° 23' 19,3"	47° 56' 00,9"
Ponto 4: Ponte Alta do Bom Jesus – savana arbórea aberta (cerrado sensu stricto) e floresta estacional (mata seca)		12°07'12.4"	46°32'41.1"
PTA 4A (Sherman e Trapa)	PTA	12° 07' 26,7"	46° 32' 48,0"
PTA 4B (Sherman e Trapa)	PTA	12° 06' 19,5"	46° 32' 53,5"
PTA 4C (Sherman e Trapa)	PTA	12° 02' 04,9"	46° 32' 42,6"
PTA 4D (Trapa)	PTA	12° 03' 10,4"	46° 34' 21,3"
PTA 4E (Trapa)	PTA	12° 01' 55,7"	46° 32' 25,9"
PTA 4F (Entrevista)	PTA	12° 07' 53,2"	46° 33' 23,2"
PTA 4G	PTA	12° 02' 23,1"S	46° 33' 09,6"
PTA 4H	PTA	12° 08' 11,9"	46° 33' 50,6"

**TABELA 2 – ESPÉCIES DA MASTOFAUNA REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NO CERRADO (SAVANA) DO TOCANTINS**

Espécie/grau de ameaça	TOCANTINS			
	GUR	SVA	PAR	PTA
<i>Didelphis albiventris</i>	en	at, en	en	en
<i>Myrmecophaga tridactyla</i> VU (BR)_PA (IUCN)	en	at, en	en	en
<i>Tamandua tetradactyla</i>	at, en	en	en	at, en
<i>Bradypus variegatus</i>	en			
<i>Dasybus novemcinctus</i>	en	en	en	en
<i>Dasybus septemcinctus</i>		en		
<i>Euphractus sexcinctus</i>	en	en	e	en
<i>Cabassous unicinctus</i>		en		en
<i>Priodontes maximus</i> VU (BR, IUCN)				en
<i>Tolypeutes tricinctus</i> VU(BR, IUCN)				en

Espécie/grau de ameaça	TOCANTINS			
	GUR	SVA	PAR	PTA
<i>Callithrix penicillata</i>		en		en
<i>Cebus libidinosus</i>	ob, en	en	en	en
<i>Alouatta caraya</i>	ob			en
<i>Leopardus pardalis</i> VU(BR)		en	en	en
<i>Leopardus tigrinus</i> VU(BR, IUCN)	en?			
<i>Leopardus wiedii</i> VU(BR), PA(IUCN)	en?	en?	en?	en
<i>Panthera onca</i> VU(BR, PA(IUCN)	en	en	en	en
<i>Puma concolor</i> VU(BR)	en	en	en	en
<i>Puma yagouaroundi</i>			en	en
<i>Cerdocyon thous</i>	en	ob, at	en?	at, en
<i>Chrysocyon brachyurus</i> VU(BR), PA(IUCN)	en	en	en	en
<i>Lycalopex vetulus</i> ED, AM (BR)		ob, en	en	en
<i>Speothos venaticus</i> VU(BR), PA(IUCN)		en?	e	
<i>Lontra longicaudis</i>		en	en	en
<i>Eira barbara</i>		en	en	ob
<i>Gallictis vittata</i> .		en	en	en?
<i>Pteronura brasiliensis</i> VU(BR). EN (IUCN)	en	en?	en?	en
<i>Conepatus semistriatus</i>				en?
<i>Nasua nasua</i>	en	en	en	en
<i>Procyon cancrivorus</i>	en	en	en	en
<i>Tapirus terrestris</i> VU(IUCN)	en	en	en	en
<i>Mazama gouazoubira</i>	en	ob, en	ob, en	en
<i>Mazama americana</i>		en?		en?
<i>Blastocerus dichotomus</i> VU (BR, IUCN)		en?	en	en
<i>Tayassu pecari</i> PA(IUCN)	en	en	en	en
<i>Pecari tajacu</i>	en			en
<i>Calomys cf. expulsos</i> ED				ar
<i>Coendou prehensilis</i>		en	en	en
<i>Cavia aperea/ Galea spixii</i>	en	en	ob	
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	en	en	en	en
<i>Kerodon cf. rupestris</i> ED				en
<i>Dasyprocta azarae / D. nigriclunis</i>	en	en	ob, en	ob, en
<i>Cuniculus paca</i>	en	en	En	en
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	en	en	en	en
<b>Total:</b>	<b>26</b>	<b>34</b>	<b>30</b>	<b>39</b>

■ = espécies registradas no levantamento preliminar

Legenda: Tipo de Registro: At = atropelado, en = entrevista, ob = observação do pesquisador (avistamento, vocalização, rastros, fezes e pegadas), ar = capturado em armadilha, tr = trapa-

câmera. Categorias de Ameaças: vu = vulnerável, cr = criticamente em perigo, en = em perigo, pa = provavelmente/quase ameaçada, BR = Brasil (MMA 2008), IUCN = lista vermelha da IUCN (2008), ED = Espécies endêmicas do Bioma Cerrado –ED(CE).

**TABELA 3 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA AVIFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR REALIZADO NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NO CERRADO (SAVANA) DO TOCANTINS**

PONTO/FITOFISIONOMIA	CÓDIGO	LAT. SUL	LONG. OESTE
Gurupi – Savana Arbórea Aberta	GUR	11°50'25.4"	48°56'06.0"
São Valério – savana	SVA	12°04'55.8"	48°07'44.0"
Paraná – Savana Parque	PAR	12°32'11.7"	47°49'59.8"
Pte Alta do Bom Jesus – savana parque/floresta estacional decidual	PTA	12°07'12.4"	46°32'41.1"
Aurora – floresta decidual	AUR	12°42'23.1"	46°21'44.1"
Arraias – savana parque	ARR	12°46'09.9"	47°16'16.6"

**TABELA 4 – ESPÉCIES DA AVIFAUNA REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NO CERRADO (SAVANA) DO TOCANTINS**

Espécie	GUR		SVA		PAR		PTA		AUR		ARR	
	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C
<i>Crypturellus soui</i>												
<i>Crypturellus undulatus</i>												
<i>Crypturellus parvirostris</i>												
<i>Rhynchotus rufescens</i>												x
<i>Nothura maculosa</i>							x					
<i>Dendrocygna viduata</i>					x			x				
<i>Dendrocygna autumnalis</i>		x			x							
<i>Cairina moschata</i>												
<i>Sarkidiornis sylvicola</i>										x		
<i>Amazonetta brasiliensis</i>					x							x
<i>Penelope superciliaris</i>												
<i>Penelope ochrogaster</i>												
<i>Crax fasciolata</i>												x
<i>Phalacrocorax brasilianus</i>					x							
<i>Anhinga anhinga</i>												
<i>Tigrisoma lineatum</i>					x							
<i>Nycticorax nycticorax</i>												x
<i>Butorides striata</i>					x							
<i>Bubulcus ibis</i>					x		x					x
<i>Ardea cocoi</i>	x											
<i>Ardea alba</i>				x	x							
<i>Syrigma sibilatrix</i>						x						
<i>Pilherodius pileatus</i>				x								

Espécie	GUR		SVA		PAR		PTA		AUR		ARR	
	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C
<i>Egretta thula</i>												
<i>Mesembrinibis cayennensis</i>									x			
<i>Phimosus infuscatus</i>				x	x							x
<i>Theristicus caudatus</i>										x		
<i>Mycteria americana</i>												
<i>Cathartes aura</i>					x							
<i>Cathartes burrovianus</i>					x				x			
<i>Coragyps atratus</i>		x			x				x			x
<i>Sarcoramphus papa</i>												
<i>Pandion haliaetus</i>												
<i>Elanoides forficatus</i>												
<i>Gampsonyx swainsonii</i>												
<i>Rostrhamus sociabilis</i>				x		x						
<i>Ictinia plumbea</i>	x											
<i>Geranospiza caerulescens</i>												
<i>Heterospizias meridionalis</i>					x					x	x	
<i>Parabuteo unicinctus</i>					x							
<i>Rupornis magnirostris</i>							x					
<i>Ibycter americanus</i>												
<i>Caracara plancus</i>		x			x							x
<i>Milvago chimachima</i>					x		x				x	
<i>Herpetotheres cachinnans</i>						x						
<i>Micrastur semitorquatus</i>												
<i>Falco sparverius</i>						x						
<i>Falco ruficularis</i>												
<i>Falco femoralis</i>												
<i>Aramidae</i>												
<i>Aramus guarauna</i>		x			x							
<i>Aramides ypecaha</i>												
<i>Aramides cajanea</i>											x	x
<i>Laterallus melanophaius</i>					x							
<i>Porzana albicollis</i>												
<i>Gallinula chloropus</i>					x							x
<i>Porphyrio martinica</i>					x							
<i>Cariama cristata</i>												x
<i>Vanellus cayanus</i>		x										
<i>Vanellus chilensis</i>							x				x	x
<i>Tringa solitaria</i>		x			x						x	
<i>Jacana jacana</i>					x							x
<i>Phaetusa simplex</i>					x							
<i>Rynchops niger</i>					x							

Espécie	GUR		SVA		PAR		PTA		AUR		ARR	
	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C
<i>Columbina talpacoti</i>												x
<i>Columbina squammata</i>												x
<i>Columbina picui</i>												
<i>Claravis pretiosa</i>												
<i>Uropelia campestris</i>										x		
<i>Columba livia</i>						x						
<i>Patagioenas picazuro</i>												
<i>Patagioenas cayennensis</i>										x		
<i>Patagioenas plumbea</i>												
<i>Leptotila verreauxi</i>												
<i>Leptotila rufaxilla</i>	x											
<i>Ara ararauna</i>												
<i>Ara chloropterus</i>												
<i>Orthopsittaca manilata</i>												
<i>Diopsittaca nobilis</i>												
<i>Aratinga leucophthalma</i>								x				x
<i>Aratinga jandaya</i>											0	
<i>Aratinga aurea</i>		x			x						x	x
<i>Pyrrhura primeri</i>										x		
<i>Forpus xanthopterygius</i>												
<i>Brotogeris chiriri</i>	x											
<i>Alipiopsitta xanthops</i>												x
<i>Pionus menstruus</i>												
<i>Pionus maximiliani</i>											x	
<i>Amazona aestiva</i>												x
<i>Amazona amazonica</i>												
<i>Opisthocomus hoazin</i>												
<i>Piaya cayana</i>												
<i>Coccyzus melacoryphus</i>												
<i>Crotophaga major</i>	x				x							
<i>Crotophaga ani</i>												x
<i>Guira guira</i>				x								x
<i>Tapera naevia</i>												
<i>Tyto alba</i>												
<i>Megascops choliba</i>												
<i>Pulsatrix perspicillata</i>												
<i>Glaucidium brasilianum</i>												x
<i>Athene cunicularia</i>		x							x	2		
<i>Nyctibius griseus</i>				x								
<i>Lurocalis semitorquatus</i>												
<i>Chordeiles pusillus</i>					x	x						

Espécie	GUR		SVA		PAR		PTA		AUR		ARR		
	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C	
<i>Chordeiles acutipennis</i>												x	
<i>Podager nacunda</i>													
<i>Nyctidromus albicollis</i>											x	x	x
<i>Caprimulgus rufus</i>													
<i>Caprimulgus parvulus</i>													
<i>Hydropsalis torquata</i>													
<i>Chaetura meridionalis</i>													
<i>Tachornis squamata</i>													x
<i>Phaethornis pretrei</i>													
<i>Eupetomena macroura</i>													x
<i>Colibri serrirostris</i>													
<i>Anthracothorax nigricollis</i>													
<i>Chlorostilbon lucidus</i>													
<i>Thalurania furcata</i>													
<i>Amazilia fimbriata</i>													x
<i>Trogon curucui</i>													
<i>Megaceryle torquata</i>						x	x						x
<i>Chloroceryle amazona</i>						x							
<i>Chloroceryle americana</i>						x							
<i>Momotus momota</i>													
<i>Galbula ruficauda</i>													
<i>Nystalus chacuru</i>													x
<i>Nystalus maculatus</i>												x	
<i>Monasa nigrifrons</i>													
<i>Chelidoptera tenebrosa</i>													
<i>Ramphastos toco</i>										x			x
<i>Ramphastos vitellinus</i>													
<i>Pteroglossus aracari</i>													
<i>Pteroglossus castanotis</i>													
<i>Picumnus albosquamatus</i>													
<i>Melanerpes candidus</i>											x		
<i>Melanerpes cruentatus</i>													
<i>Veniliornis passerinus</i>													
<i>Piculus flavigula</i>													
<i>Colaptes melanochloros</i>													
<i>Colaptes campestris</i>	x												x
<i>Celeus flavescens</i>													
<i>Dryocopus lineatus</i>											x		
<i>Campephilus rubricollis</i>													
<i>Campephilus melanoleucos</i>													
<i>Melanopareia torquata</i>												x	



Espécie	GUR		SVA		PAR		PTA		AUR		ARR		
	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C	
<i>Taraba major</i>												x	
<i>Thamnophilus doliatus</i>													
<i>Thamnophilus torquatus</i>													
<i>Thamnophilus pelzelni</i>													
<i>Dysithamnus mentalis</i>													
<i>Herpsilochmus atricapillus</i>													
<i>Formicivora grisea</i>													
<i>Formicivora melanogaster</i>													
<i>Formicivora rufa</i>													x
<i>Sittasomus griseicapillus</i>													
<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>													
<i>Dendroplex picus</i>													
<i>Xiphorhynchus guttatus</i>													
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i>													x
<i>Furnarius rufus</i>													
<i>Synallaxis frontalis</i>													x
<i>Synallaxis albescens</i>													
<i>Synallaxis scutata</i>													
<i>Certhiaxis cinnamomeus</i>													
<i>Phacellodomus ruber</i>													
<i>Xenops rutilans</i>													
<i>Leptopogon amaurocephalus</i>													
<i>Hemitriccus striaticollis</i>													
<i>Hemitriccus margaritaceiventer</i>													x
<i>Poecilatriccus latirostris</i>													
<i>Todirostrum cinereum</i>					x								
<i>Phyllomyias fasciatus</i>													
<i>Myiopagis gaimardii</i>													
<i>Myiopagis caniceps</i>													
<i>Myiopagis viridicata</i>													
<i>Elaenia flavogaster</i>													
<i>Elaenia spectabilis</i>													
<i>Elaenia cristata</i>													
<i>Elaenia chiriquensis</i>													
<i>Camptostoma obsoletum</i>													x
<i>Suiriri suiriri</i>													x
<i>Suiriri islerorum</i>													
<i>Phaeomyias murina</i>													x
<i>Capsiempis flaveola</i>													
<i>Euscarthmus rufomarginatus</i>													
<i>Tolmomyias sulphureus</i>												x	

Espécie	GUR		SVA		PAR		PTA		AUR		ARR	
	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C
<i>Tolmomyias flaviventris</i>												
<i>Myiophobus fasciatus</i>												
<i>Myiobius barbatus</i>												
<i>Hirundinea ferruginea</i>												
<i>Lathrotriccus euleroi</i>												
<i>Cnemotriccus fuscatus</i>												
<i>Contopus cinereus</i>												
<i>Knipolegus franciscanus</i>												
<i>Satrapa icterophrys</i>												
<i>Xolmis cinereus</i>												
<i>Xolmis velatus</i>												
<i>Fluvicola albiventer</i>												
<i>Arundinicola leucocephala</i>												
<i>Machetornis rixosa</i>												
<i>Legatus leucophaeus</i>												
<i>Myiozetetes cayanensis</i>												
<i>Myiozetetes similis</i>												
<i>Pitangus sulphuratus</i>												
<i>Philohydor lictor</i>												
<i>Myiodynastes maculatus</i>												
<i>Megarynchus pitangua</i>												
<i>Empidonomus varius</i>												
<i>Griseotyrannus aurantioatrocristatus</i>												
<i>Tyrannus albogularis</i>												
<i>Tyrannus melancholicus</i>												
<i>Tyrannus savana</i>												
<i>Sirystes sibilator</i>												
<i>Casiornis rufus</i>												
<i>Myiarchus swainsoni</i>												
<i>Myiarchus ferox</i>												
<i>Myiarchus tyrannulus</i>												
<i>Neopelma pallescens</i>												
<i>Tyranneutes stolzmanni</i>												
<i>Antilophia galeata</i>												
<i>Pipra fasciicauda</i>												
<i>Tityra inquisitor</i>												
<i>Tityra cayana</i>												
<i>Pachyramphus viridis</i>												
<i>Pachyramphus polychopterus</i>												
<i>Pachyramphus marginatus</i>												
<i>Cyclarhis gujanensis</i>												

Espécie	GUR		SVA		PAR		PTA		AUR		ARR	
	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C
<i>Vireo olivaceus</i>												
<i>Hylophilus pectoralis</i>												
<i>Cyanocorax cristatellus</i>				x								
<i>Cyanocorax cyanopogon</i>												x
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>					x							
<i>Progne tapera</i>					x							
<i>Progne chalybea</i>								x				
<i>Tachycineta albiventer</i>					x							
<i>Tachycineta leucorroha</i>					x							
<i>Troglodytes musculus</i>												
<i>Pheugopedius genibarbis</i>												
<i>Cantorchilus leucotis</i>					x							x
<i>Cantorchilus longirostris</i>												
<i>Donacobius atricapilla</i>						x						
<i>Polioptila dumicola</i>												x
<i>Turdus rufiventris</i>					x							
<i>Turdus leucomelas</i>					x							
<i>Turdus amaurochalinus</i>												
<i>Mimus saturninus</i>							x		x			x
<i>Coereba flaveola</i>											x	
<i>Nemosia pileata</i>												
<i>Piranga flava</i>					x					x		
<i>Eucometis penicillata</i>												
<i>Tachyphonus rufus</i>	x			x								x
<i>Ramphocelus carbo</i>												
<i>Thraupis sayaca</i>		x										
<i>Thraupis palmarum</i>								x				
<i>Tangara cayana</i>												
<i>Dacnis cayana</i>												
<i>Cyanerpes cyaneus</i>												
<i>Hemithraupis guira</i>												x
<i>Conirostrum speciosum</i>												
<i>Zonotrichia capensis</i>					x							x
<i>Ammodramus humeralis</i>				x		x					x	
<i>Porphyrospiza caerulescens</i>												
<i>Poospiza cinerea</i>												
<i>Sicalis flaveola</i>											x	
<i>Sicalis luteola</i>												
<i>Emberizoides herbicola</i>												
<i>Volatinia jacarina</i>										x		x
<i>Sporophila plumbea</i>												

Espécie	GUR		SVA		PAR		PTA		AUR		ARR	
	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C
<i>Sporophila americana</i>												
<i>Sporophila lineola</i>										X		
<i>Sporophila leucoptera</i>												
<i>Sporophila bouvreuil</i>												
<i>Sporophila angolensis</i>												
<i>Arremon taciturnus</i>												
<i>Charitospiza eucosma</i>				X							X	
<i>Coryphospingus pileatus</i>												X
<b>Cardinalidae</b>												
<i>Saltator maximus</i>												
<i>Saltator similis</i>						X						
<i>Saltator atricollis</i>											X	X
<i>Cyanoloxia brissonii</i>												
<i>Parula pitiayumi</i>												
<i>Basileuterus culicivorus</i>												
<i>Basileuterus hypoleucus</i>												
<i>Basileuterus flaveolus</i>												X
<i>Psarocolius decumanus</i>						X						
<i>Cacicus cela</i>				X								
<i>Icterus cayanensis</i>												X
<i>Icterus jamacaii</i>												
<i>Gnorimopsar chopi</i>												X
<i>Chrysomus ruficapillus</i>								X				
<i>Molothrus rufoaxillaris</i>												
<i>Molothrus bonariensis</i>					X							
<i>Sturnella superciliaris</i>												
<i>Carduelis magellanica</i>												
<i>Euphonia chlorotica</i>												X
<i>Euphonia violacea</i>												
<i>Passer domesticus</i>								X		X		
<b>Total de espécies</b>	<b>141</b>		<b>156</b>		<b>186</b>		<b>130</b>		<b>123</b>		<b>100</b>	

■ = espécies registradas no levantamento preliminar

X = observadas fora dos censos - S = campanha de seca C = campanha de chuva


**TABELA 5 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA HERPETOFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR REALIZADO NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NO CERRADO (SAVANA) DO TOCANTINS**

PT	MUNICÍPIO	COORDENADAS	TIPO DE AMBIENTE
1	Gurupi	11°51'17.93"S 48°59'25.76"W	Floresta Semidecídua sobre latossolo, com cerca de 800 hectares.
2	São Valério da Natividade	12° 05'0.77"S 48° 08'19.14"W	Cerrado <i>sensu stricto</i> sobre solos mistos, com cerca de 3.000 hectares.
3	Paranã	12°32'43.68"S 47°49'47.12"W	Cerrado <i>sensu stricto</i> sobre solos mistos, com cerca de 9.000 hectares.
4	Ponte Alta do Bom Jesus	12° 7'32.27"S 46°33'0.69"W	Cerrado <i>sensu stricto</i> e Cerradão sobre solo rochoso, com 3.000 hectares.
13	Lavandeira, TO	12° 41' 39.0"S 46° 24' 35.5"W	Cerradão sobre afloramentos rochosos.
14	Aurora do Tocantins, TO	12°37'19.63"S 46°18'23.30"W	Dunas de areia no rebordo da Serra Geral

**TABELA 6 – ESPÉCIES DE ANFÍBIOS REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NO CERRADO (SAVANA) DO TOCANTINS**

Espécie	GUR	SVA	PAR	PTA	LAV	AUR
<i>Rhinella granulosa</i>						
<i>Rhinella schneideri</i>						
<i>Proceratophrys goyana</i>						
<i>Dendropsophus anataliasiasi</i>						
<i>Dendropsophus cruzi</i>						
<i>Dendropsophus melanargyreus</i>						
<i>Dendropsophus microcephalus</i>						
<i>Dendropsophus minutus</i>						
<i>Dendropsophus nanus</i>						
<i>Dendropsophus rubicundulus</i>						
<i>Hypsiboas albopunctatus</i>						
<i>Hypsiboas multifasciatus</i>						
<i>Hypsiboas punctatus</i>						
<i>Hypsiboas raniceps</i>						
<i>Hypsiboas sp. Nova</i>						
<i>Phyllomedusa azurea</i>						
<i>Pseudis tocantins</i>						
<i>Scinax constrictus</i>						
<i>Scinax fuscomarginatus</i>						
<i>Scinax fuscovarius</i>						
<i>Scinax ruber</i>						
<i>Scinax x-signatus</i>						
<i>Trachycephalus venulosus</i>						
<i>Eupemphix nattereri</i>						
<i>Physalaemus centralis</i>						
<i>Physalaemus cuvieri</i>						
<i>Pseudopaludicola mystacalis</i>						
<i>Pseudopaludicola ternetzi</i>						
<i>Leptodactylus andreae</i>						
<i>Leptodactylus fumarius</i>						


Espécie	GUR	SVA	PAR	PTA	LAV	AUR
<i>Leptodactylus fuscus</i>						
<i>Leptodactylus labyrinthicus</i>						
<i>Leptodactylus macrosternum</i>						
<i>Leptodactylus mystaceus</i>						
<i>Leptodactylus ocellatus</i>						
<i>Leptodactylus petersii</i>						
<i>Leptodactylus podicipinus</i>						
<i>Leptodactylus pustulatus</i>						
<i>Chiasmocleis albopunctata</i>						
<i>Elachistocleis ovalis</i>						
<i>Pristimantis gr. fenestratus</i>						

 = espécies registradas no levantamento preliminar

**TABELA 7 – ESPÉCIES DE RÉPTEIS REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR E NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NO CERRADO (SAVANA) DO TOCANTINS**

Espécie	GUR	SVA	PAR	PTA	LAV	AUR
<i>Amphisbaena alba</i>						
<i>Phrynops geoffroanus</i>						
<i>Podocnemis unifilis</i>						
<i>Chelonoides carbonaria</i>						
<i>Caiman crocodilus</i>						
<i>Paleosuchus palpebrosus</i>						
<i>Hemidactylus mabouia</i>						
<b>Gymnophthalmidae</b>						
<i>Arthrosaura reticulata</i>						
<i>Colobosaura modesta</i>						
<i>Micrablepharus atticolus</i>						
<i>Micrablepharus maximiliani</i>						
<i>Iguana iguana</i>						
<i>Gymnodactylus carvalhoi</i>						
<i>Gymnodactylus gekoides</i>						
<i>Anolis nitens</i>						
<i>Mabuya frenata</i>						
<i>Mabuya heathi</i>						
<i>Coleodactylus brachystoma</i>						
<i>Coleodactylus sp.</i>						
<i>Ameiva ameiva</i>						
<i>Cnemidophorus mumbuca</i>						
<i>Tupinambis merianae</i>						
<i>Tupinambis teguixin</i>						
<i>Tropidurus itambere</i>						
<i>Tropidurus torquatus</i>						
<i>Epicrates cenchría</i>						

Espécie	GUR	SVA	PAR	PTA	LAV	AUR
<i>Atractus pantostictus</i>						
<i>Helicops angulatus</i>						
<i>Leptodeira annulata</i>						
<i>Liophis viridis</i>						
<i>Oxyrhopus guibei</i>						
<i>Phimophis guerini</i>						
<i>Pseudoboa nigra</i>						
<i>Waglerophis merremii</i>						
<i>Bothrops moojeni</i>						

 = espécies registradas no levantamento preliminar

**TABELA 8 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA MASTOFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NO CERRADO (SAVANA) DA BAHIA**

PONTO/FITOFISIONOMIA	CÓDIGO	LAT. SUL	LONG. OESTE
<b>Santana – Savana - Cerrado sensu-stricto e carrasco</b>			
SAN 5A (Sherman e Trapa)	SAN	12° 47' 22,4"	44° 14' 03,2"
SAN 5B (Sherman e Trapa)	SAN	12° 47' 25,2"	44° 13' 24,7"
SAN 5C (Trapa)	SAN	12° 47' 48,8"	44° 07' 21,6"
SAN 5D (Sherman e Trapa)	SAN	12° 07' 26,7"	46° 32' 48,0"
SAN5E (Entrevista)	SAN	12° 52' 18,1"	44° 06' 07,4"
<b>Coribe – cerrado e mata com áreas rochosas</b>			
COR 6A (Sherman e Trapa)	COR	13° 41' 41,4"	44° 18' 06,9"
COR 6B (Trapa)	COR	13° 42' 01,8"	44° 18' 11,0"
COR 6C (Trapa)	COR	13° 48' 10,1"	44° 23' 47,2"
COR 6D (Entrevista)	COR	13° 42' 17,9"	44° 19' 01,4"
<b>Caetitê: Área de Savana com fisionomia arbustiva</b>			
CAE 1a (Sherman)	CAE	14°08'44.8"	42°19'14.0"
CAE 1b (Trapa)	CAE	14°08'40.1"	42°19'12.6"
CAE 2a (Sherman)	CAE	14°08'40"	42°19'11.4"
CAE 2b (Trapa)	CAE	14°08'42.5"	42°19'13.6"
CAE 3 (Sherman)	CAE	14°08'16.2"	42°18'57.8"
CAE 4 (Trapa)	CAE	14°07'47"	42°18'50.3"

**TABELA 9 – ESPÉCIES DA MASTOFAUNA REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NO CERRADO (SAVANA) DA BAHIA**

Espécie/grau de ameaça	SAN	COR	CAE
<i>Didelphis albiventris</i>	at, en	at, en	en
<i>Thylamys karimii</i> VU(IUCN)	ar	ar	
<i>Myrmecophaga tridactyla</i> VU (BR), PA (IUCN)	en	en	
<i>Tamandua tetradactyla</i>	en	en	en
<i>Dasybus novemcinctus</i>	en	en	en
<i>Dasybus septemcinctus</i>	en	en	en
<i>Euphractus sexcinctus</i>	en	en	en
<i>Cabassous unicinctus</i>	en	en	en
<i>Tolypeutes tricinctus</i> VU(BR, IUCN))	en	en	
<i>Callithrix penicillata</i>	en	en	ob, en
<i>Cebus libidinosus</i>	en	en	
<i>Alouatta caraya</i>	ob	ob	
<i>Leopardus (Oncifelis) colocolo</i> VU(BR), PA (IUCN)	at	at	
<i>Leopardus pardalis</i> VU(BR)	en	en	en?
<i>Leopardus tigrinus</i> VU(BR, IUCN)	at, en?	at, en?	
<i>Leopardus wiedii</i> VU(BR), PA(IUCN)	en	en	
<i>Leopardus tigrinus/ wiedii</i>	ob	ob	en
<i>Panthera onca</i> VU(BR, PA(IUCN)	en	en	en
<i>Puma concolor</i> VU(BR)	en	en	en
<i>Puma yagouaroundi</i>	en	en	en
<i>Cerdocyon thous</i>	ob, en	ob, en	at, tr, en
<i>Chrysocyon brachyurus</i> VU(BR), PA(IUCN)	ob	ob	
<i>Lycalopex vetulus</i> ED, AM (BR)	ob, en	ob, en	ob, en
<i>Lontra longicaudis</i>	en?	en?	
<i>Eira barbara</i>	en	en	en
<i>Gallictis vittata.</i>	en	en	en
<i>Conepatus semistriatus</i>	en	en	en
<i>Nasua nasua</i>	en	en	
<i>Procyon cancrivorus</i>	en	en	en
<i>Tapirus terrestris</i> VU(IUCN)	en	en	
<i>Mazama gouazoubira</i>	en	en	en
<i>Mazama sp</i>	ob	ob	
<i>Blastocerus dichotomus</i> VU (BR, IUCN)	en ?	en ?	
<i>Pecari tajacu</i>	en	en	en
<i>Calomys cf. expulsos</i> ED	ar	ar	
<i>Necromys lasiurus</i>	ar	ar	
<i>Rhipidomys macrurus</i>	ar	ar	
<i>Wiedomys pyrrhorhinus</i> ED(CA)	ar	ar	
<i>Rattus rattus</i>	at	at	
<i>Coendou prehensilis</i>	en	en	en



Espécie/grau de ameaça	SAN	COR	CAE
<i>Cavia aperea/porcellus</i>			en
<i>Cavia aperea/ Galea spixii</i>	en	en	
<i>Kerodon rupestris</i> ED	ob, en	ob, en	
<i>Dasyprocta agouti/ prymnolopha</i> #			en
<i>Dasyprocta azarae / D. nigriclunis</i>	ob, en	ob, en	
<i>Cuniculus paca</i>	en	en	
<i>Guerlinguetus ingrami</i>			en
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	ob, en	ob, en	en
<b>Total</b>			

■ = espécies registradas no levantamento preliminar

Legenda: Tipo de Registro: At = atropelado, en = entrevista, ob = observação do pesquisador (avistamento, vocalização, rastros, fezes e pegadas), ar = capturado em armadilha, tr = trapa-câmera. Categorias de Ameaças: vu = vulnerável, cr = criticamente em perigo, en = em perigo, pa = provavelmente/quase ameaçada, BR = Brasil (MMA 2008), IUCN = lista vermelha da IUCN (2008), ED = Espécies endêmicas do Bioma Cerrado –ED(CE).

**TABELA 10 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA AVIFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NO CERRADO (SAVANA) E ÁREA DE TRANSIÇÃO CERRADO/CAATINGA DA BAHIA**

PONTO	CÓDIGO	LAT. SUL	LONG. OESTE
São Desidério – cerrado	SDS	12°22'47.8"	44°57'05.5"
Canápolis – área de tensão cerrado / caatinga	CAN	13°04'50.4"	44°05'34.2"
Santana – área de tensão cerrado/caatinga	SAN	12°59'10.2"	44°02'46.8"
Coribe – cerrado/floresta estacional	COR	13°48'11.3"	44°23'43.4"
Luís Eduardo Magalhães – cerrado	LEM	11°52'16.1"	45°29'23.3"
Correntina – cerrado	CRT	13°11'01.7"	44°42'58.6"

**TABELA 11 – ESPÉCIES DA AVIFAUNA REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NO CERRADO (SAVANA) E ÁREA DE TRANSIÇÃO CERRADO/CAATINGA DA BAHIA**

Espécie	SDS		COR		CAN		SAN		CRT	LEM
	S	C	S	C	S	C	S	C	C	C
<i>Rhea americana</i>										
<i>Crypturellus noctivagus</i>										
<i>Crypturellus parvirostris</i>										
<i>Crypturellus tataupa</i>										
<i>Rhynchotus rufescens</i>										
<i>Nothura boraquira</i>										
<i>Nothura maculosa</i>										
<i>Dendrocygna viduata</i>										
<i>Dendrocygna autumnalis</i>										
<i>Sarkidiornis sylvicola</i>										
<i>Amazonetta brasiliensis</i>										
<i>Penelope superciliaris</i>										
<i>Tachybaptus dominicus</i>										
<i>Podilymbus podiceps</i>										
<i>Tigrisoma lineatum</i>										
<i>Butorides striata</i>										
<i>Bubulcus ibis</i>										
<i>Ardea cocoi</i>										
<i>Ardea alba</i>										
<i>Syrigma sibilatrix</i>										
<i>Pilherodius pileatus</i>										
<i>Egretta thula</i>										
<i>Cathartes aura</i>										
<i>Cathartes burrovianus</i>										
<i>Coragyps atratus</i>										
<i>Sarcoramphus papa</i>										
<i>Gampsonyx swainsonii</i>										
<i>Elanus leucurus</i>										
<i>Rostrhamus sociabilis</i>										
<i>Ictinia plumbea</i>										
<i>Geranospiza caerulescens</i>										
<i>Heterospizias meridionalis</i>										
<i>Rupornis magnirostris</i>										
<i>Buteo albicaudatus</i>										
<i>Buteo melanoleucus</i>										
<i>Buteo nitidus</i>										
<i>Buteo brachyurus</i>										
<i>Buteo albonotatus</i>										
<i>Caracara plancus</i>										
<i>Milvago chimachima</i>										
<i>Herpetotheres cachinnans</i>										
<i>Micrastur ruficollis</i>										
<i>Micrastur semitorquatus</i>										
<i>Falco sparverius</i>										
<i>Falco ruficularis</i>										
<i>Falco deiroleucus</i>										
<i>Falco femoralis</i>										
<i>Aramides ypecaha</i>										
<i>Aramides cajanea</i>										
<i>Laterallus melanophaius</i>										
<i>Porzana albicollis</i>										

Espécie	SDS		COR		CAN		SAN		CRT	LEM
	S	C	S	C	S	C	S	C	C	C
<i>Gallinula chloropus</i>										
<i>Porphyrio martinica</i>										
<i>Porphyrio flavirostris</i>										
<i>Cariama cristata</i>										
<i>Vanellus cayanus</i>										
<i>Vanellus chilensis</i>										
<i>Himantopus mexicanus</i>										
<i>Tringa solitaria</i>										
<i>Jacana jacana</i>										
<i>Columbina talpacoti</i>										
<i>Columbina squammata</i>										
<i>Columbina picui</i>										
<i>Claravis pretiosa</i>										
<i>Columba livia</i>										
<i>Patagioenas picazuro</i>										
<i>Patagioenas cayennensis</i>										
<i>Zenaida auriculata</i>										
<i>Leptotila verreauxi</i>										
<i>Ara ararauna</i>										
<i>Orthopsittaca manilata</i>										
<i>Primolius maracana</i>										
<i>Diopsittaca nobilis</i>										
<i>Aratinga acuticaudata</i>										
<i>Aratinga leucophthalma</i>										
<i>Aratinga auricapillus</i>										
<i>Aratinga aurea</i>										
<i>Aratinga cactorum</i>										
<i>Forpus xanthopterygius</i>										
<i>Brotogeris chiriri</i>										
<i>Pionus maximiliani</i>										
<i>Amazona aestiva</i>										
<i>Amazona amazonica</i>										
<i>Playa cayana</i>										
<i>Coccyzus melacoryphus</i>										
<i>Crotophaga ani</i>										
<i>Guira guira</i>										
<i>Tapera naevia</i>										
<i>Megascops choliba</i>										
<i>Glaucidium brasilianum</i>										
<i>Athene cunicularia</i>										
<i>Asio flammeus</i>										
<i>Nyctibius griseus</i>										
<i>Lurocalis semitorquatus</i>										
<i>Chordeiles pusillus</i>										
<i>Nyctidromus albicollis</i>										
<i>Caprimulgus parvulus</i>										
<i>Cypseloides senex</i>										
<i>Streptoprocne zonaris</i>										
<i>Chaetura meridionalis</i>										
<i>Tachornis squamata</i>										
<i>Panyptila cayennensis</i>										
<i>Phaethornis pretrei</i>										
<i>Eupetomena macroura</i>										
<i>Colibri serrirostris</i>										
<i>Anthracothorax nigricollis</i>										

Espécie	SDS		COR		CAN		SAN		CRT	LEM
	S	C	S	C	S	C	S	C	C	C
<i>Chrysolampis mosquitus</i>										
<i>Chlorostilbon lucidus</i>										
<i>Thalurania furcata</i>										
<i>Amazilia fimbriata</i>										
<i>Trogon curucui</i>										
<i>Chloroceryle amazona</i>										
<i>Chloroceryle americana</i>										
<i>Galbula ruficauda</i>										
<i>Nystalus chacuru</i>										
<i>Nystalus maculatus</i>										
<i>Nonnula rubecula</i>										
<i>Chelidoptera tenebrosa</i>										
<i>Ramphastos toco</i>										
<i>Picumnus pygmaeus</i>										
<i>Picumnus albosquamatus</i>										
<i>Melanerpes candidus</i>										
<i>Veniliornis passerinus</i>										
<i>Piculus chrysochloros</i>										
<i>Colaptes melanochloros</i>										
<i>Colaptes campestris</i>										
<i>Celeus flavescens</i>										
<i>Dryocopus lineatus</i>										
<i>Campephilus melanoleucos</i>										
<i>Melanopareia torquata</i>										
<i>Taraba major</i>										
<i>Sakesphorus cristatus</i>										
<i>Thamnophilus capistratus</i>										
<i>Thamnophilus torquatus</i>										
<i>Thamnophilus pelzelni</i>										
<i>Myrmorchilus strigilatus</i>										
<i>Herpsilochmus sellowi</i>										
<i>Herpsilochmus atricapillus</i>										
<i>Herpsilochmus longirostris</i>										
<i>Formicivora melanogaster</i>										
<i>Formicivora rufa</i>										
<i>Hylopezus ochroleucus</i>										
<i>Sittasomus griseicapillus</i>										
<i>Xiphocolaptes falcirostris</i>										
<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>										
<i>Dendroplex picus</i>										
<i>Xiphorhynchus guttatus</i>										X
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i>										
<i>Lepidocolaptes wagleri</i>										
<i>Furnarius figulus</i>										
<i>Furnarius leucopus</i>										
<i>Furnarius rufus</i>										
<i>Schoeniophylax phryganophilus</i>										
<i>Synallaxis frontalis</i>										
<i>Synallaxis albescens</i>										
<i>Gyalophylax hellmayri</i>										
<i>Certhiaxis cinnamomeus</i>										
<i>Phacellodomus rufifrons</i>										
<i>Phacellodomus ruber</i>										
<i>Pseudoseisura cristata</i>										

Espécie	SDS		COR		CAN		SAN		CRT	LEM
	S	C	S	C	S	C	S	C	C	C
<i>Berlepschia rikeri</i>										
<i>Xenops rutilans</i>										
<i>Megaxenops parnaguae</i>										
<i>Leptopogon amaurocephalus</i>										
<i>Hemitriccus striaticollis</i>										
<i>Hemitriccus margaritaceiventer</i>										
<i>Poecilotriccus plumbeiceps</i>										
<i>Todirostrum cinereum</i>										
<i>Phyllomyias fasciatus</i>										
<i>Myiopagis caniceps</i>										
<i>Myiopagis viridicata</i>										
<i>Elaenia flavogaster</i>										
<i>Elaenia spectabilis</i>										
<i>Elaenia cristata</i>										
<i>Elaenia chiriquensis</i>										
<i>Camptostoma obsoletum</i>										
<i>Suiriri suiriri</i>										
<i>Serpophaga subcristata</i>										
<i>Phaeomyias murina</i>										
<i>Euscarthmus meloryphus</i>										
<i>Euscarthmus rufomarginatus</i>										
<i>Sublegatus modestus</i>										
<i>Tolmomyias sulphurescens</i>										
<i>Tolmomyias flaviventris</i>										
<i>Platyrinchus mystaceus</i>										
<i>Myiophobus fasciatus</i>										
<i>Hirundinea ferruginea</i>										
<i>Lathrotriccus euleri</i>										
<i>Cnemotriccus fuscatus</i>										
<i>Contopus cinereus</i>										
<i>Knipolegus franciscanus</i>										
<i>Xolmis cinereus</i>										
<i>Xolmis velatus</i>										
<i>Fluvicola albiventer</i>										
<i>Fluvicola nengeta</i>										
<i>Arundinicola leucocephala</i>										
<i>Colonia colonus</i>										
<i>Machetornis rixosa</i>										
<i>Myiozetetes similis</i>										
<i>Pitangus sulphuratus</i>										
<i>Philohydor lictor</i>										
<i>Myiodynastes maculatus</i>										
<i>Megarynchus pitangua</i>										
<i>Empidonomus varius</i>										
<i>Griseotyrannus aurantioatrocristatus</i>										
<i>Tyrannus albogularis</i>										
<i>Tyrannus melancholicus</i>										
<i>Tyrannus savana</i>										
<i>Sirystes sibilator</i>										
<i>Casiornis fuscus</i>										
<i>Myiarchus swainsoni</i>										
<i>Myiarchus ferox</i>										
<i>Myiarchus tyrannulus</i>										
<i>Neopelma pallescens</i>										

Espécie	SDS		COR		CAN		SAN		CRT	LEM
	S	C	S	C	S	C	S	C	C	C
<i>Tityra inquisitor</i>										
<i>Tityra cayana</i>										
<i>Pachyramphus viridis</i>										
<i>Pachyramphus castaneus</i>										
<i>Pachyramphus polychopterus</i>										
<i>Cyclarhis gujanensis</i>										
<i>Vireo olivaceus</i>										
<i>Hylophilus amaurocephalus</i>										
<i>Cyanocorax cristatellus</i>										
<i>Cyanocorax cyanopogon</i>										
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>										
<i>Progne tapera</i>										
<i>Progne chalybea</i>										
<i>Tachycineta albiventer</i>										
<i>Hirundo rustica</i>										
<i>Troglodytes musculus</i>										
<i>Cantorchilus leucotis</i>										
<i>Cantorchilus longirostris</i>										
<i>Donacobius atricapilla</i>										
<i>Poliottila plumbea</i>										
<i>Poliottila dumicola</i>										
<i>Turdus rufiventris</i>										
<i>Turdus leucomelas</i>										
<i>Turdus amaurochalinus</i>										
<i>Turdus albicollis</i>										
<i>Mimus saturninus</i>										
<i>Coereba flaveola</i>										
<i>Schistochlamys ruficapillus</i>										
<i>Neothraupis fasciata</i>										
<i>Compsotraupis loricata</i>										
<i>Thlypopsis sordida</i>										
<i>Cypsnagra hirundinacea</i>										
<i>Piranga flava</i>										
<i>Tachyphonus rufus</i>										
<i>Ramphocelus carbo</i>										
<i>Thraupis sayaca</i>										
<i>Thraupis palmarum</i>										
<i>Tangara cyanoventris</i>										
<i>Tangara cayana</i>										
<i>Hemithraupis guira</i>										
<i>Conirostrum speciosum</i>										
<i>Zonotrichia capensis</i>										
<i>Ammodramus humeralis</i>										
<i>Sicalis luteola</i>										
<i>Volatinia jacarina</i>										
<i>Sporophila plumbea</i>										
<i>Sporophila lineola</i>										
<i>Sporophila nigricollis</i>										
<i>Sporophila leucoptera</i>										
<i>Sporophila bouvreuil</i>										
<i>Sporophila angolensis</i>										
<i>Arremon franciscanus</i>										
<i>Charitospiza eucosma</i>										
<i>Coryphospingus pileatus</i>										
<i>Paroaria dominicana</i>										

Espécie	SDS		COR		CAN		SAN		CRT	LEM
	S	C	S	C	S	C	S	C	C	C
<i>Saltator similis</i>										
<i>Saltator atricollis</i>										
<i>Cyanoloxia brissonii</i>										
<i>Parula pitaiayumi</i>										
<i>Geothlypis aequinoctialis</i>										
<i>Basileuterus culicivorus</i>										
<i>Basileuterus flaveolus</i>										
<i>Basileuterus leucophrys</i>										
<i>Icterus cayanensis</i>										
<i>Icterus jamaicai</i>										
<i>Gnorimopsar chopi</i>										
<i>Chrysomus ruficapillus</i>										
<i>Agelaioides fringillarius</i>										
<i>Molothrus rufoaxillaris</i>										
<i>Molothrus bonariensis</i>										
<i>Sturnella superciliaris</i>										
<i>Euphonia chlorotica</i>										
<i>Passer domesticus</i>										
<b>Total de espécies</b>		<b>189</b>		<b>157</b>		<b>144</b>		<b>151</b>	<b>82</b>	<b>149</b>

■ = espécies registradas no levantamento preliminar  
 X = observadas fora dos censos - S = campanha de seca C = campanha de chuva


**TABELA 12 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA HERPETOFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM CERRADO NA BAHIA**

COD.	MUNICÍPIO	COORDENADAS	TIPO DE AMBIENTE
SMV	Santa Maria da Vitória	13° 04'35.91"S ;4°27'20.44"W	Cerrado <i>sensu stricto</i> sobre solo arenoso, com cerca de 89.000 hectares.
COR	Coribe	13°45'29.05"S;44°18'18.32"W	Cerradão sobre afloramentos rochosos, com cerca de 25.000 hectares.
CAE	Caetité	14°8'57.78"S;42°21'12.77"W	Cerrado <i>sensu stricto</i> e Cerradão, com aproximadamente 3500 hectares

**TABELA 13 – ESPÉCIES DE ANFÍBIOS REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM CERRADO NA BAHIA**

Espécie	SMV	COR	CAE
<i>Rhinella crucifer</i>			
<i>Rhinella granulosa</i>			
<i>Rhinella jimi</i>			
<i>Rhinella schneideri</i>			
<b>Hylidae</b>			
<i>Dendropsophus minutus</i>			
<i>Dendropsophus aff. nanus</i>			
<i>Dendropsophus nanus</i>			


Espécie	SMV	COR	CAE
<i>Hypsiboas albopunctatus</i>			
<i>Hypsiboas crepitans</i>			
<i>Hypsiboas raniceps</i>			
<i>Phyllomedusa bahiana</i>			
<i>Phyllomedusa nordestina</i>			
<i>Scinax alter</i>			
<i>Scinax fuscomarginatus</i>			
<i>Scinax fuscovarius</i>			
<i>Scinax ruber</i>			
<i>Scinax x-signatus</i>			
<i>Eupemphix nattereri</i>			
<i>Physalaemus camacan</i>			
<i>Physalaemus centralis</i>			
<i>Physalaemus cicada</i>			
<i>Physalaemus cuvieri</i>			
<i>Pleurodema cf. diplolister</i>			
<i>Leptodactylus caatingae</i>			
<i>Leptodactylus cunicularis</i>			
<i>Leptodactylus furnarius</i>			
<i>Leptodactylus fuscus</i>			
<i>Leptodactylus hylaedactylus</i>			
<i>Leptodactylus labyrinthicus</i>			
<i>Leptodactylus macrosternum</i>			
<i>Leptodactylus mystaceus</i>			
<i>Leptodactylus mystacinus</i>			
<i>Leptodactylus petersii</i>			
<i>Leptodactylus troglodytes</i>			

 = espécies registradas no levantamento preliminar



**TABELA 14 – ESPÉCIES DE RÉPTEIS REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM CERRADO NA BAHIA**

Espécie	SMV	COR	CAE
<i>Acanthochelys cf. macrocephala</i>			
<i>Phrynops geoffroanus</i>			
<i>Coleodactylus meridionalis</i>			
<i>Gymnodactylus carvalhoi</i>			
<i>Hemidactylus brasilianus</i>			
<i>Hemidactylus mabouia *</i>			
<i>Phyllopezus pollicaris</i>			
<i>Acratosaura mentalis</i>			
<i>Colobosaura modesta</i>			
<i>Micrablepharus maximiliani</i>			
<i>Vanzosaura rubricauda</i>			
<i>Anolis fuscoauratus</i>			
<i>Enyalius erythroceneus</i>			
<i>Ameiva ameiva</i>			
<i>Cnemidophorus ocellifer</i>			
<i>Cnemidophorus gr. Ocellifer</i>			
<i>Tupinambis merianae</i>			
<i>Tropidurus hispidus</i>			
<i>Tropidurus oreadicus</i>			
<i>Tropidurus torquatus</i>			
<i>Corallus hortulanus</i>			
<b>Colubridae</b>			
<i>Liophis poecilogyrus</i>			
<i>Pseudoboa nigra</i>			
<i>Bothrops moojeni</i>			

 = espécies registradas no levantamento preliminar

**TABELA 15 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA MASTOFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM REGIÃO DE TRANSIÇÃO DA CAATINGA (ESTEPE) DA BAHIA**

PONTO/FITOFISIONOMIA	CÓDIGO	LAT. SUL	LONG. OESTE
Jequié 11- Área de transição entre Caatinga e Mata Estacional, e presença de mata de galeria			
Balneário Provisão (en)	JEQ	13°54'47.5"	40°00'41.9"
Rio (Sherman)	JEQ	13° 54'38.2"	40 00'00.5"
Balneário 1 (Sherman e Trapa)	JEQ	13°54'53.1"	39°59'44.3"
Balneário 2 (Sherman e Trapa)	JEQ	13°54'56.7"	39°59'43.9"
Balneário 3 (Sherman)	JEQ	13°54'41.9"	40°00'03.5"
Balneário 4 (Trapa)	JEQ	13°54'59.8"	39°59'41.9"
Balneário 5 (Trapa)	JEQ	13°54'39.4"	39°59'48.8"
Corujão (Entrevista)	JEQ	13°58'13.3"	40°10'15.2"

**TABELA 16 – ESPÉCIES DA MASTOFAUNA REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM JEQUIÉ (REGIÃO DE TRANSIÇÃO DA CAATINGA)**

Espécie/ grau de ameaça	JEQ
<i>Didelphis albiventris</i>	en
<i>Tamandua tetradactyla</i>	en
<i>Bradypus variegatus</i>	en
<i>Dasyus novemcinctus</i>	en
<i>Dasyus septemcinctus</i>	en
<i>Euphractus sexcinctus</i>	en
<i>Cabassous unicinctus</i>	en
<i>Callithrix penicillata</i>	en
<i>Callithrix jachus</i> (Introduzido na região)	en ?
<i>Leopardus pardalis</i> VU(BR)	en
<i>Leopardus tigrinus</i> # / <i>L. wiedii</i> * VU(BR, IUCN#) / PA (IUCN)*	en
<i>Panthera onca</i> VU(BR), PA(IUCN)	en?
<i>Puma concolor</i> VU(BR)	en
<i>Puma yagouaroundi</i>	en
<i>Cerdocyon thous</i>	tr, en
<i>Lontra longicaudis</i>	en
<i>Eira barbara</i>	en
<i>Gallictis vittata</i>	en?
<i>Conepatus semistriatus</i>	en
<i>Nasua nasua</i>	en

Espécie/ grau de ameaça	JEQ
<i>Procyon cancrivorus</i>	en
<i>Mazama gouazoubira</i>	en
<i>Pecari tajacu</i>	en
<i>Coendou prehensilis</i>	en
<i>Cavia aperea/porcellus</i>	en
<i>Galea spixii</i>	en
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	en
<i>Kerodon rupestris ED (CA)</i>	en
<i>Dasyprocta agouti/ prymnolopha#</i>	en
<i>Cuniculus paca</i>	en
<i>Guerlinguetus ingrami</i>	en
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	en

= espécies registradas no levantamento preliminar

At = atropelado, en = entrevista, en (?) = incerteza do relato, ob = observação do pesquisador (avistamento, vocalização, rastros, fezes e pegadas), ar = capturado em armadilha, tr = trapa-câmera, pe = pelota de coruja. Caatinga –ED(CA) (Oliveira 2004) EX = espécie exótica (introduzida de outro país). Categorias de Ameaças: VU = vulnerável, EN = em perigo, CR = criticamente em perigo, PA = provavelmente/quase ameaçada. \* = lista de espécies ameaçadas do Brasil (MMA, 2008); \*\*: lista vermelha da IUCN (<http://www.redlist.org/search>) (2008). #: citação de preá e cutia na entrevista (considerada apenas uma espécie cada).

**TABELA 17 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA AVIFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM CAATINGA (ESTEPE) DA BAHIA**

PONTO	CÓDIGO	LAT. SUL	LONG. OEST
Bom Jesus da Lapa – caatinga	BJL	13°26'29.3"	43°24'25.7"
Riacho de Santana – caatinga	RIA	13°35'38.9"	43°00'44.5"
Caetitê – caatinga	CAE	14°16'36.4"	42°31'45.4"
Barra da Estiva - caatinga	BAR	13°54'50.0"	42°35'35.9"
Lagoa Real -caatinga	LR	14°07'17.2"	42°19'27.2"
Tanhaçu - caatinga	TAN	14°07'45.4"	41°11'59.6"
Contendas do Sincorá - estepe arbórea densa	SIN	13°57'09.3"	41°01'11.4"
Jequié – floresta estacional semidecidual	JEQ	13°56'21.8"	40°11'26.9"

**TABELA 18 – ESPÉCIES DA AVIFAUNA REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM CAATINGA DA BAHIA**

Espécie	BAR	TAN	BJL		RIA		CAE		LR		SIN		JEQ	
	S	S	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C
<i>Crypturellus noctivagus</i>														
<i>Crypturellus parvirostris</i>														X
<i>Crypturellus tataupa</i>														
<i>Rhynchotus rufescens</i>							X							
<i>Nothura boraquira</i>							X							
<i>Nothura maculosa</i>														
<i>Dendrocygna viduata</i>														X
<i>Dendrocygna autumnalis</i>														
<i>Sarkidiornis sylvicola</i>														
<i>Amazonetta brasiliensis</i>			X				X							X
<i>Anas bahamensis</i>														X X
<i>Netta erythrophthalma</i>														
<i>Nomonyx dominica</i>														
<i>Penelope superciliaris</i>														
<i>Tachybaptus dominicus</i>							X	X						X
<i>Podilymbus podiceps</i>							X							X X
<i>Phalacrocorax brasilianus</i>			X	1			X				X			X X
<i>Tigrisoma lineatum</i>														
<i>Nycticorax nycticorax</i>														
<i>Butorides striata</i>		X					X				X			
<i>Bubulcus ibis</i>	X	X			X		X				X			X
<i>Ardea alba</i>	X		X				X	X						X X
<i>Syrigma sibilatrix</i>														
<i>Egretta thula</i>			X				X							X X
<i>Phimosus infuscatus</i>														
<i>Cathartes aura</i>	X				X									
<i>Cathartes burrovianus</i>														X
<i>Coragyps atratus</i>	X	X					X							
<i>Sarcoramphus papa</i>														
<i>Pandion haliaetus</i>			X											
<i>Chondrohierax uncinatus</i>											X			
<i>Gampsonyx swainsonii</i>												X		
<i>Elanus leucurus</i>		X									X			
<i>Rostrhamus sociabilis</i>														
<i>Accipiter striatus</i>														
<i>Accipiter bicolor</i>														
<i>Geranospiza caeruleascens</i>														
<i>Buteogallus urubitinga</i>														

Espécie	BAR	TAN	BJL		RIA		CAE		LR		SIN		JEQ	
	S	S	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C
<i>Heterospizias meridionalis</i>		X					X				X			
<i>Parabuteo unicinctus</i>														
<i>Rupornis magnirostris</i>														
<i>Buteo albicaudatus</i>									X					
<i>Buteo brachyurus</i>					X									
<i>Buteo albonotatus</i>											X			
<i>Caracara plancus</i>	X	X							X					X
<i>Milvago chimachima</i>			X		X									
<i>Herpetotheres cachinnans</i>							X							
<i>Micrastur ruficollis</i>														
<i>Micrastur semitorquatus</i>														
<i>Falco sparverius</i>							X					X	X	
<i>Falco femoralis</i>														
<i>Aramus guarauna</i>												X		
<i>Aramides ypecaha</i>														
<i>Aramides cajanea</i>							X							
<i>Laterallus melanophaius</i>														
<i>Gallinula chloropus</i>							X						X	X
<i>Gallinula melanops</i>		X									X			
<i>Porphyrio martinica</i>											X	X		
<i>Cariama cristata</i>														
<i>Vanellus cayanus</i>			X											
<i>Vanellus chilensis</i>							X						X	X
<i>Pluvialis dominica</i>														
<i>Charadrius collaris</i>												X		
<i>Himantopus mexicanus</i>			X										X	
<i>Himantopus melanurus</i>													X	X
<i>Tringa solitaria</i>														
<i>Tringa flavipes</i>														
<i>Jacana jacana</i>			X										X	X
<i>Sternula superciliaris</i>			X											
<i>Phaetusa simplex</i>			X	X										
<i>Columbina minuta</i>														X
<i>Columbina talpacoti</i>	X						X							X
<i>Columbina squammata</i>		X												
<i>Columbina picui</i>	X													
<i>Claravis pretiosa</i>														
<i>Columba livia</i>	X		X	X	X	X	X	X				X	X	X
<i>Patagioenas speciosa</i>														
<i>Patagioenas picazuro</i>														

Espécie	BAR	TAN	BJL		RIA		CAE		LR		SIN		JEQ	
	S	S	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C
<i>Patagioenas cayennensis</i>							X							
<i>Zenaida auriculata</i>					X		X							
<i>Leptotila verreauxi</i>							X							
<i>Primolius maracana</i>														
<i>Aratinga cactorum</i>														
<i>Pyrrhura frontalis</i>														
<i>Forpus xanthopterygius</i>														X
<i>Brotogeris chiriri</i>														
<i>Pionus maximiliani</i>							X							
<i>Amazona aestiva</i>														
<i>Piaya cayana</i>		X					X				X			
<i>Coccyzus melacoryphus</i>														
<i>Crotophaga major</i>														
<i>Crotophaga ani</i>	X						X							
<i>Guira guira</i>														X
<i>Tapera naevia</i>												X		
<i>Dromococcyx phasianellus</i>														
<i>Dromococcyx pavoninus</i>														
<i>Tyto alba</i>														
<i>Megascops choliba</i>														
<i>Glaucidium brasilianum</i>														
<i>Athene cunicularia</i>							X							
<i>Nyctibius griseus</i>							X							
<i>Lurocalis semitorquatus</i>														
<i>Chordeiles pusillus</i>														
<i>Chordeiles acutipennis</i>														
<i>Nyctiprogne vielliardi</i>														
<i>Nyctidromus albicollis</i>														
<i>Caprimulgus rufus</i>														
<i>Caprimulgus parvulus</i>														
<i>Hydropsalis torquata</i>														
<i>Cypseloides senex</i>														
<i>Streptoprocne biscutata</i>												X		
<i>Chaetura meridionalis</i>														
<i>Anopetia gounellei</i>														
<i>Phaethornis pretrei</i>							X							
<i>Eupetomena macroura</i>		X												
<i>Florisuga fusca</i>														
<i>Colibri serrirostris</i>										X				
<i>Anthracothorax nigricollis</i>														

Espécie	BAR	TAN	BJL		RIA		CAE		LR		SIN		JEQ	
	S	S	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C
<i>Chrysolampis mosquitus</i>														
<i>Chlorostilbon lucidus</i>		X												
<i>Thalurania furcata</i>							X							
<i>Thalurania glaucopis</i>														
<i>Amazilia versicolor</i>											X			
<i>Amazilia fimbriata</i>														
<i>Amazilia lactea</i>														
<i>Heliactin bilophus</i>							X							
<i>Heliomaster squamosus</i>														
<i>Calliphlox amethystina</i>														
<i>Megaceryle torquata</i>			X											X
<i>Chloroceryle amazona</i>													X	X
<i>Chloroceryle americana</i>														
<i>Galbula ruficauda</i>										X				
<i>Nystalus chacuru</i>														
<i>Nystalus maculatus</i>														
<i>Nonnula rubecula</i>														
<i>Picumnus pygmaeus</i>														
<i>Melanerpes candidus</i>														
<i>Veniliornis passerinus</i>								X						
<i>Piculus chrysochloros</i>						X								
<i>Colaptes melanochloros</i>														
<i>Colaptes campestris</i>														
<i>Celeus flavescens</i>														
<i>Dryocopus lineatus</i>														
<i>Campephilus melanoleucos</i>														
<i>Melanopareia torquata</i>						X		X						
<i>Taraba major</i>														
<i>Sakesphorus cristatus</i>				X										
<i>Thamnophilus capistratus</i>														
<i>Thamnophilus torquatus</i>														
<i>Thamnophilus pelzelni</i>														
<i>Thamnophilus caerulescens</i>														
<i>Myrmorchilus strigilatus</i>														
<i>Herpsilochmus sellowi</i>						X								
<i>Herpsilochmus atricapillus</i>								X						
<i>Formicivora iheringi</i>														
<i>Formicivora melanogaster</i>														
<i>Formicivora rufa</i>										X				

Espécie	BAR	TAN	BJL		RIA		CAE		LR		SIN		JEQ	
	S	S	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C
<i>Pyriglena leucoptera</i>														
<i>Rhopornis ardesiacus</i>														
<i>Hylopezus ochroleucus</i>														
<i>Scytalopus diamantinensis</i>														
<i>Sittasomus griseicapillus</i>							X							
<i>Xiphocolaptes albicollis</i>														
<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>														
<i>Dendroplex picus</i>														
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i>														
<i>Lepidocolaptes squamatus</i>														
<i>Lepidocolaptes wagleri</i>														
<i>Campylorhampus trochillostris</i>														
<i>Campylorhampus falcularius</i>														
<i>Furnarius figulus</i>			X				X					X		X
<i>Furnarius leucopus</i>														
<i>Furnarius rufus</i>														
<i>Schoeniophylax phryganophilus</i>														
<i>Synallaxis frontalis</i>														
<i>Synallaxis albescens</i>		X									X	X		X
<i>Synallaxis spixi</i>														
<i>Synallaxis scutata</i>														
<i>Gyalophylax hellmayri</i>					X									
<i>Cranioleuca vulpina</i>														
<i>Cranioleuca semicinerea</i>														
<i>Certhiaxis cinnamomeus</i>							X							X
<i>Phacellodomus rufifrons</i>		X			X						X	X		
<i>Phacellodomus ruber</i>														
<i>Pseudoseisura cristata</i>	X													
<i>Hylocryptus rectirostris</i>														
<i>Lochmias nematura</i>														
<i>Xenops rutilans</i>														
<i>Megaxenops parnaguae</i>				X										
<i>Leptopogon amaurocephalus</i>														
<i>Hemitriccus striaticollis</i>														
<i>Hemitriccus nidipendulus</i>														
<i>Hemitriccus</i>														



Espécie	BAR	TAN	BJL		RIA		CAE		LR		SIN		JEQ	
	S	S	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C
<i>margaritaceiventer</i>														
<i>Poecilotriccus plumbeiceps</i>														
<i>Poecilotriccus fumifrons</i>														
<i>Todirostrum cinereum</i>														
<i>Phyllomyias fasciatus</i>							X							
<i>Myiopagis caniceps</i>							X							
<i>Myiopagis viridicata</i>														
<i>Elaenia flavogaster</i>														
<i>Elaenia spectabilis</i>														
<i>Elaenia cristata</i>						X								
<i>Elaenia chiriquensis</i>						X								
<i>Elaenia obscura</i>						X								
<i>Camptostoma obsoletum</i>														
<i>Suiriri suiriri</i>														
<i>Serpophaga subcristata</i>														
<i>Phaeomyias murina</i>														
<i>Capsiempis flaveola</i>							X							
<i>Polystictus superciliaris</i>														
<i>Euscarthmus meloryphus</i>														
<i>Stigmatura napensis</i>														
<i>Stigmatura budytoides</i>											X	X		
<i>Phylloscartes roquettei</i>														
<i>Sublegatus modestus</i>														
<i>Tolmomyias sulphurescens</i>								X						
<i>Tolmomyias flaviventris</i>	X													
<i>Myiophobus fasciatus</i>														
<i>Hirundinea ferruginea</i>								X						
<i>Lathrotriccus euleri</i>								X						
<i>Cnemotriccus fuscatus</i>				X				X						
<i>Satrapa icterophrys</i>														
<i>Xolmis irupero</i>	X													X
<i>Fluvicola albiventer</i>		X									X			
<i>Fluvicola nengeta</i>			X					X						X
<i>Arundinicola leucocephala</i>								X	X				X	X
<i>Colonia colonus</i>														
<i>Machetornis rixosa</i>														X
<i>Myiozetetes similis</i>		X								X	X			X
<i>Pitangus sulphuratus</i>														
<i>Myiodynastes maculatus</i>														

Espécie	BAR	TAN	BJL		RIA		CAE		LR		SIN		JEQ	
	S	S	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C
<i>Megarynchus pitangua</i>							X					X		
<i>Empidonomus varius</i>														
<i>Tyrannus melancholicus</i>														
<i>Tyrannus savana</i>														
<i>Casiornis fuscus</i>														
<i>Myiarchus swainsoni</i>					X									
<i>Myiarchus ferox</i>														
<i>Myiarchus tyrannulus</i>														
<i>Neopelma pallescens</i>														
<i>Tityra inquisitor</i>														
<i>Pachyramphus viridis</i>							X							
<i>Pachyramphus castaneus</i>														
<i>Pachyramphus polychopterus</i>														
<i>Pachyramphus validus</i>														
<i>Cyclarhis gujanensis</i>														
<i>Vireo olivaceus</i>							X							
<i>Hylophilus amaurocephalus</i>														
<i>Cyanocorax cristatellus</i>														
<i>Cyanocorax cyanopogon</i>									X					
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>		X			X		X				X	X		
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>														
<i>Progne tapera</i>			X											X
<i>Progne chalybea</i>		X			X		X		X		X			X
<i>Tachycineta albiventer</i>			X										X	
<i>Hirundo rustica</i>														
<i>Troglodytes musculus</i>														
<i>Pheugopedius genibarbis</i>														
<i>Cantorchilus leucotis</i>														
<i>Cantorchilus longirostris</i>														
<i>Donacobius atricapilla</i>														
<i>Polioptila plumbea</i>														
<i>Turdus rufiventris</i>														
<i>Turdus leucomelas</i>							X			X				X
<i>Turdus amaurochalinus</i>														
<i>Turdus albicollis</i>														
<i>Mimus saturninus</i>		X									X		X	
<i>Anthus lutescens</i>		X									X			
<i>Coereba flaveola</i>														
<i>Schistochlamys ruficapillus</i>														

Espécie	BAR	TAN	BJL		RIA		CAE		LR		SIN		JEQ	
	S	S	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C
<i>Neothraupis fasciata</i>														
<i>Compothraupis loricata</i>														
<i>Nemosia pileata</i>			X											
<i>Thlypopsis sordida</i>														
<i>Piranga flava</i>														
<i>Tachyphonus rufus</i>							X							
<i>Thraupis sayaca</i>														
<i>Thraupis palmarum</i>														
<i>Tangara cyanoventris</i>														
<i>Tangara cayana</i>					X									
<i>Dacnis cayana</i>														
<i>Hemithraupis guira</i>							X							
<i>Hemithraupis ruficapilla</i>														
<i>Conirostrum speciosum</i>							X							
<i>Zonotrichia capensis</i>														
<i>Ammodramus humeralis</i>														
<i>Sicalis citrina</i>														
<i>Sicalis columbiana</i>														
<i>Sicalis flaveola</i>														
<i>Sicalis luteola</i>														X
<i>Emberizoides herbicola</i>														
<i>Embernagra longicauda</i>							X							
<i>Volatinia jacarina</i>														X
<i>Sporophila plumbea</i>														
<i>Sporophila lineola</i>														
<i>Sporophila nigricollis</i>														
<i>Sporophila albogularis</i>		X												X
<i>Sporophila bouvreuil</i>														X
<i>Sporophila angolensis</i>				X										
<i>Arremon franciscanus</i>							X							
<i>Coryphospingus pileatus</i>														
<i>Paroaria dominicana</i>														X
<i>Saltator coerulescens</i>			X											
<i>Saltator similis</i>														
<i>Saltator atricollis</i>														
<i>Cyanoloxia brissonii</i>														
<i>Parula pitiayumi</i>							X							
<i>Geothlypis aequinoctialis</i>														
<i>Basileuterus flaveolus</i>														
<i>Procacicus solitarius</i>														

Espécie	BAR	TAN	BJL		RIA		CAE		LR		SIN		JEQ	
	S	S	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C	S	C
<i>Cacicus haemorrhous</i>														
<i>Icterus cayanensis</i>														
<i>Icterus jamacaii</i>														
<i>Gnorimopsar chopi</i>		x									x			
<i>Chrysomus ruficapillus</i>		x									x		x	
<i>Agelaioides fringillarius</i>													x	
<i>Molothrus rufoaxillaris</i>														
<i>Molothrus bonariensis</i>		x									x			
<i>Sturnella superciliaris</i>		x						x			x			
<i>Carduelis yarrellii</i>														
<i>Euphonia chlorotica</i>														
<i>Euphonia violacea</i>														
<i>Passer domesticus</i>	x	x							x		x			x
<b>Total de espécies</b>	<b>92</b>	<b>69</b>	<b>195</b>	<b>144</b>	<b>209</b>	<b>178</b>	<b>170</b>	<b>192</b>						

■ = espécies registradas no levantamento preliminar

X = observadas fora dos censos - S = campanha de seca C = campanha de chuva

**TABELA 19 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA HERPETOFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR REALIZADO NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NA CAATINGA (ESTEPE) E ÁREA DE TRANSIÇÃO CERRADO/CAATINGA DA BAHIA**

PT	MUNICÍPIO	COORDENADAS	TIPO DE AMBIENTE
7	Bom Jesus da Lapa - B JL	13°35'9.83"S 43° 0'15.24"W	Mata Estacional sobre afloramento rochos, com cerca de 3000 hectares
8	Caetitê - CAE	14°0'59.02"S 42°31'49.87"W	Área de transição entre Caatinga e Cerrado, com cerca de 800 hectares
10	Contendas do Sincorá - CTS	13°56'48.49"S 41° 6'24.08"W	Caatinga, com cerca de 23000 hectares
15	Serra do Ramalho	13° 25' 50.5"S 43° 36' 26.5"W	Mata seca (transição entre Cerrado e Caatinga) e afloramentos rochosos.

**TABELA 20 – ESPÉCIES DE ANFÍBIOS REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM CAATINGA (ESTEPE) E ÁREA DE TRANSIÇÃO CERRADO/CAATINGA DA BAHIA**

Taxa	BJL	CAE	CTS
<i>Rhinella granulosa</i>			
<i>Rhinella jimi</i>			
<i>Proceratophrys cristiceps</i>			
<i>Dendropsophus minutus</i>			
<i>Dendropsophus nanus</i>			

Taxa	BJL	CAE	CTS
<i>Hypsiboas albopunctatus</i>			
<i>Hypsiboas crepitans</i>			
<i>Phyllomedusa bahiana</i>			
<i>Phyllomedusa nordestina</i>			
<i>Scinax alter</i>			
<i>Scinax camposseabrai</i>			
<i>Scinax fuscomarginatus</i>			
<i>Scinax fuscovarius</i>			
<i>Scinax x-signatus</i>			
<i>Trachycephalus nigromaculatus</i>			
<i>Physalaemus centralis</i>			
<i>Physalaemus cicada</i>			
<i>Physalaemus cuvieri</i>			
<i>Pleurodema cf. diplolister</i>			
<i>Pseudopaludicola cf. falcipes</i>			
<i>Leptodactylus cunicularis</i>			
<i>Leptodactylus furnarius</i>			
<i>Leptodactylus fuscus</i>			
<i>Leptodactylus hylaedactylus</i>			
<i>Leptodactylus labyrinthicus</i>			
<i>Leptodactylus macrosternum</i>			
<i>Leptodactylus mystacinus</i>			
<i>Leptodactylus troglodytes</i>			
<i>Dermatonotus muelleri</i>			

■ = espécies registradas no levantamento preliminar

**TABELA 21 – ESPÉCIES DE RÉPTEIS REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM CAATINGA (ESTEPE) E ÁREA DE TRANSIÇÃO CERRADO/CAATINGA DA BAHIA**

Taxa	BJL	CAE	CTS
<i>Acanthochelys cf. macrocephala</i>			
<i>Iguana iguana</i>			
<i>Enyalius erythroceneus</i>			
<i>Ameiva ameiva</i>			
<i>Cnemidophorus ocellifer</i>			
<i>Tupinambis merianae</i>			
<i>Tropidurus semitaeniatus</i>			
<i>Tropidurus torquatus</i>			
<i>Tropidurus sp.</i>			

■ = espécies registradas no levantamento preliminar

**TABELA 22 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA MASTOFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA MATA ATLÂNTICA (FLORESTA OMBRÓFILA) DA BAHIA**

PONTO/FITOFISIONOMIA	CÓDIGO	LAT. SUL	LONG. OESTE
Uruçuca - Área de Mata Atlântica com fragmentos de mata secundária e Cabruca	URU		
Fazenda Boa Vista (Entrevista)	URU	14°32'43.9"	39°16'19.7"
URU 1 (Sherman e Trapa)	URU	14°32'49.4"	39°16'36.3"
URU 2A(Sherman)	URU	14°32'43.2"	39°16'01.0"
URU 2B(Trapa)	URU	14°32'40.4"	39°15'56.9"
URU 3 (Trapa)	URU	14°32'46.5"	39°16'34.3"
URU 4 (Trapa)	URU	14°32'51.4"	39°16'35.7"

**TABELA 23 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM MATA ATLÂNTICA (FLORESTA OMBRÓFILA) DA BAHIA**

Espécie/grau de ameaça	URU
<i>Didelphis aurita</i>	en
Marsupial não identificado	tr
<i>Tamandua tetradactyla</i>	en
<i>Bradypus torquatus</i> ED(MA), VU (BR), EN (IUCN)	en
<i>Dasypus novemcinctus</i>	en
<i>Euphractus sexcinctus</i>	en
<i>Cabassous unicinctus</i>	en
<i>Callithrix penicillata</i>	ob, en
<i>Callithrix kuhlii</i> ED(MA), PA (IUCN)	en
<i>Leontopithecus chrysomelas</i> ED(MA) EN(BR, IUCN)	en
<i>Leopardus tigrinus</i> * / <i>L. wiedii</i> * VU(BR, IUCN#) / PA (IUCN)*	en
<i>Puma concolor</i> VU(BR)	en
<i>Puma yagouaroundi</i>	en
<i>Lontra longicaudis</i>	en
<i>Eira barbara</i>	en
<i>Gallictis vittata</i>	en
<i>Nasua nasua</i>	en
<i>Procyon cancrivorus</i>	en
<i>Mazama gouazoubira</i>	en
<i>Pecari tajacu</i>	en
<i>Akodon cursor</i>	ar

Espécie/grau de ameaça	URU
<i>Cerradomys cf. vivoi</i>	ar
<i>Euryoryzomys russatus</i>	ar
<b>Cricetidae não identificado</b>	ar
<i>Callistomys pictus</i> ED(MA) VU (BR) EN (IUCN)	en
<b>Echimyidae não identificado</b>	tr
<i>Rattus rattus</i> EX	ar
<i>Coendou prehensilis</i>	en ?
<i>Chaetomys subspinosus</i> ED(MA) VU (BR, IUCN)	en
<i>Cavia aperea/porcellus</i>	en?
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	en
<i>Cuniculus paca</i>	en
<i>Guerlinguetus ingrami</i>	en
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	en
<b>Total:</b>	<b>34</b>

■ = espécies registradas no levantamento preliminar

Legenda: Tipo de Registro: At = atropelado, en = entrevista, ob = observação do pesquisador (avistamento, vocalização, rastros, fezes e pegadas), ar = capturado em armadilha, tr = trapa-câmera. Categorias de Ameaças: vu = vulnerável, cr = criticamente em perigo, en = em perigo, pa = provavelmente/quase ameaçada, BR = Brasil (MMA 2008), IUCN = lista vermelha da IUCN (2008), ED = Espécies endêmicas do Bioma Cerrado –ED(CE).

**TABELA 24 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA AVIFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA MATA ATLÂNTICA (FLORESTA OMBRÓFILA) DA BAHIA**

PONTO	CÓDIGO	LAT. SUL	LONG. OEST
Ubaitaba – floresta ombrófila	UBA	14°13'25.6"	39°18'17.0"
Itacaré – floresta ombrófila	ITA	14°20'26.8"	39°03'24.6"
Uruçuca – floresta ombrófila	URU	14°28'57.6"	39°07'28.8"

**TABELA 25 – ESPÉCIES DE AVES REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM MATA ATLÂNTICA (FLORESTA OMBRÓFILA) DA BAHIA**

Nome do Táxon	UBA	ITA		URU	
	S	S	C	S	C
<i>Tinamus solitarius</i>					
<i>Crypturellus soui</i>					
<i>Crypturellus noctivagus</i>					
<i>Crypturellus variegatus</i>					
<i>Rhynchotus rufescens</i>		X			
<i>Cairina moschata</i>		X			
<i>Ortalis guttata</i>					

Nome do Táxon	UBA	ITA		URU	
	S	S	C	S	C
<i>Penelope superciliaris</i>					
<i>Tachybaptus dominicus</i>					
<i>Podilymbus podiceps</i>					
<i>Phalacrocorax brasilianus</i>		X			
<i>Tigrisoma lineatum</i>					
<i>Ixobrychus exilis</i>					
<i>Butorides striata</i>	X	X	X		
<i>Bubulcus ibis</i>	X			10	
<i>Ardea alba</i>		X	X	2	
<i>Egretta thula</i>		X	X		
<i>Egretta caerulea</i>		X	X		
<i>Cathartes aura</i>					
<i>Cathartes burrovianus</i>					
<i>Coragyps atratus</i>					
<i>Ictinia plumbea</i>					
<i>Heterospizias meridionalis</i>					
<i>Rupornis magnirostris</i>					
<i>Buteo nitidus</i>					
<i>Buteo brachyurus</i>				X	
<i>Buteo albonotatus</i>		X			
<i>Spizaetus melanoleucus</i>					
<i>Caracara plancus</i>	X	X			
<i>Milvago chimachima</i>					
<i>Herpetotheres cachinnans</i>					
<i>Micrastur ruficollis</i>					
<i>Micrastur semitorquatus</i>					
<i>Falco sparverius</i>		X	X		
<i>Falco rufigularis</i>			1		
<i>Falco femoralis</i>					
<i>Falco peregrinus</i>		X	X		
<i>Aramus guarauna</i>			X		
<i>Aramides cajanea</i>		X			
<i>Amaurolimnas concolor</i>					
<i>Laterallus viridis</i>					
<i>Laterallus melanophaius</i>		X			
<i>Laterallus exilis</i>					
<i>Porzana albicollis</i>					
<i>Gallinula chloropus</i>		X			
<i>Porphyrio martinica</i>					
<i>Vanellus chilensis</i>	X				
<i>Pluvialis squatarola</i>		X			
<i>Charadrius semipalmatus</i>		X	X		
<i>Gallinago paraguayae</i>					
<i>Numenius phaeopus</i>		X			
<i>Actitis macularius</i>		X	X		
<i>Tringa melanoleuca</i>		X			
<i>Tringa semipalmata</i>		X			
<i>Jacana jacana</i>		X			
<i>Thalasseus sandvicensis</i>		X			



Nome do Táxon	UBA	ITA		URU	
	S	S	C	S	C
<i>Columbina talpacoti</i>					
<i>Columbina squammata</i>	X				
<i>Columbina picui</i>			X		
<i>Claravis pretiosa</i>					
<i>Columba livia</i>	X		X		
<i>Patagioenas speciosa</i>					
<i>Patagioenas cayennensis</i>					
<i>Leptotila verreauxi</i>					
<i>Leptotila rufaxilla</i>					
<i>Geotrygon montana</i>					
<i>Aratinga auricapillus</i>		X			
<i>Aratinga aurea</i>	X				
<i>Pyrrhura leucotis</i>					
<i>Forpus xanthopterygius</i>					
<i>Brotogeris tirica</i>					
<i>Touit surdus</i>					
<i>Pionus reichenowi</i>					
<i>Amazona amazonica</i>		X			
<i>Piaya cayana</i>					
<i>Crotophaga ani</i>					
<i>Guira guira</i>					
<i>Tapera naevia</i>					X
<i>Dromococcyx phasianellus</i>					
<i>Dromococcyx pavoninus</i>					
<i>Megascops choliba</i>					
<i>Megascops atricapilla</i>					
<i>Pulsatrix perspicillata</i>					
<i>Glaucidium minutissimum</i>					
<i>Glaucidium brasilianum</i>					
<i>Athene cunicularia</i>					
<i>Nyctibius griseus</i>					
<i>Lurocalis semitorquatus</i>					
<i>Chordeiles pusillus</i>					
<i>Nyctidromus albicollis</i>					
<i>Hydropsalis torquata</i>					
<i>Cypseloides fumigatus</i>					
<i>Chaetura spinicaudus</i>					
<i>Chaetura cinereiventris</i>					
<i>Chaetura meridionalis</i>	X	X			X
<i>Panyptila cayennensis</i>				X	
<i>Glaucis dohrnii</i>					
<i>Glaucis hirsutus</i>					
<i>Phaethornis ruber</i>					
<i>Phaethornis pretrei</i>					
<i>Phaethornis margarettae</i>					
<i>Eupetomena macroura</i>					
<i>Aphantochroa cirrochloris</i>					
<i>Florisuga fusca</i>					
<i>Anthracothorax nigricollis</i>					

Nome do Táxon	UBA	ITA		URU	
	S	S	C	S	C
<i>Chrysolampis mosquitus</i>					
<i>Chlorostilbon notatus</i>					
<i>Chlorostilbon lucidus</i>					
<i>Thalurania glaucopis</i>					
<i>Hylocharis sapphirina</i>					
<i>Hylocharis cyanus</i>					
<i>Amazilia leucogaster</i>		X	X		
<i>Amazilia versicolor</i>					
<i>Heliothryx auritus</i>					
<i>Trogon viridis</i>					
<i>Trogon rufus</i>					
<i>Megaceryle torquata</i>		X			
<i>Chloroceryle amazona</i>	X	X	X		
<i>Chloroceryle americana</i>	X	X			
<i>Baryphthengus ruficapillus</i>					
<i>Galbula ruficauda</i>					
<i>Nystalus maculatus</i>					
<i>Monasa morphoeus</i>					
<i>Chelidoptera tenebrosa</i>					
<i>Ramphastos vitellinus</i>					
<i>Pteroglossus aracari</i>		X			
<i>Picumnus exilis</i>					
<i>Picumnus pygmaeus</i>				X	
<i>Melanerpes candidus</i>	X				
<i>Melanerpes flavifrons</i>					
<i>Veniliornis affinis</i>					
<i>Picus flavigula</i>					
<i>Colaptes melanochloros</i>	X				
<i>Colaptes campestris</i>				X	
<i>Celeus flavescens</i>					
<i>Dryocopus lineatus</i>					
<i>Campephilus melanoleucos</i>		X			
<i>Taraba major</i>					
<i>Thamnophilus palliatus</i>					
<i>Thamnophilus ambiguus</i>					
<i>Thamnophilus caerulescens</i>					
<i>Thamnomanes caesius</i>					
<i>Myrmotherula axillaris</i>					
<i>Myrmotherula urosticta</i>					
<i>Herpsilochmus pileatus</i>					
<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i>					
<i>Formicivora grisea</i>					
<i>Drymophila squamata</i>					
<i>Terenura maculata</i>					
<i>Pyriglena leucoptera</i>					
<i>Conopophaga melanogaster</i>					
<i>Formicarius colma</i>					
<i>Sclerurus caudacutus</i>				X	
<i>Dendrocincla turdina</i>					

Nome do Táxon	UBA	ITA		URU	
	S	S	C	S	C
<i>Sittasomus griseicapillus</i>					
<i>Glyphorhynchus spirurus</i>					
<i>Dendroplex picus</i>	X				
<i>Xiphorhynchus fuscus</i>					
<i>Xiphorhynchus guttatus</i>					
<i>Campylorhamphus trochillostris</i>					
<i>Furnarius figulus</i>					
<i>Furnarius rufus</i>					
<i>Synallaxis frontalis</i>					
<i>Synallaxis hypospodia</i>					
<i>Certhiaxis cinnamomeus</i>	X				
<i>Thripophaga macroura</i>					
<i>Phacellodomus rufifrons</i>					
<i>Acrobatornis fonsecai</i>	X		X		
<i>Automolus leucophthalmus</i>					
<i>Xenops minutus</i>					
<i>Xenops rutilans</i>					
<i>Mionectes oleagineus</i>					
<i>Leptopogon amaurocephalus</i>					
<i>Hemitriccus striaticollis</i>					
<i>Hemitriccus nidipendulus</i>					
<i>Myiornis auricularis</i>					
<i>Poecilatriccus fumifrons</i>					
<i>Todirostrum poliocephalum</i>					
<i>Todirostrum cinereum</i>					
<i>Phyllomyias fasciatus</i>					
<i>Myiopagis gaimardii</i>					
<i>Myiopagis caniceps</i>					
<i>Elaenia flavogaster</i>					
<i>Elaenia spectabilis</i>					
<i>Ornithion inerne</i>					
<i>Camptostoma obsoletum</i>		X			
<i>Capsiempis flaveola</i>					
<i>Tolmomyias poliocephalus</i>					
<i>Tolmomyias flaviventris</i>					
<i>Myiophobus fasciatus</i>					
<i>Myiobius barbatus</i>					
<i>Lathrotriccus euleri</i>					
<i>Contopus cinereus</i>					
<i>Fluvicola nengeta</i>					
<i>Arundinicola leucocephala</i>					
<i>Machetornis rixosa</i>					
<i>Legatus leucophaeus</i>					
<i>Myiozetetes similis</i>					
<i>Pitangus sulphuratus</i>					
<i>Myiodynastes maculatus</i>		X			
<i>Megarynchus pitangua</i>					
<i>Empidonomus varius</i>					
<i>Tyrannus melancholicus</i>					

Nome do Táxon	UBA	ITA		URU	
	S	S	C	S	C
<i>Rhytipterna simplex</i>					
<i>Myiarchus tuberculifer</i>					
<i>Myiarchus ferox</i>					
<i>Attila rufus</i>					
<i>Attila spadiceus</i>					
<i>Carpornis melanocephala</i>				X	
<i>Procnias nudicollis</i>					
<i>Lipaugus vociferans</i>					
<i>Xipholena atropurpurea</i>					
<i>Machaeropterus regulus</i>					
<i>Manacus manacus</i>					
<i>Chiroxiphia pareola</i>					
<i>Dixiphia pipra</i>					
<i>Pipra rubrocapilla</i>					
<i>Schiffornis turdina</i>					
<i>Pachyramphus viridis</i>					
<i>Pachyramphus marginatus</i>					
<i>Cyclarhis gujanensis</i>					
<i>Vireo olivaceus</i>					
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>		X	X		X
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>					
<i>Progne tapera</i>	X				
<i>Progne subis</i>					
<i>Progne chalybea</i>	X	X	X		
<i>Tachycineta albiventer</i>	X				
<i>Tachycineta leucorrhoa</i>		X			
<i>Hirundo rustica</i>					
<i>Troglodytes musculus</i>					
<i>Campylorhynchus turdinus</i>					
<i>Pheugopedius genibarbis</i>					
<i>Donacobius atricapilla</i>					
<i>Ramphocaenus melanurus</i>					
<i>Turdus rufiventris</i>					
<i>Turdus leucomelas</i>					
<i>Turdus fumigatus</i>					
<i>Turdus amaurochalinus</i>					
<i>Turdus albicollis</i>					
<i>Mimus saturninus</i>					
<i>Anthus lutescens</i>					
<i>Coereba flaveola</i>					
<i>Schistochlamys ruficapillus</i>					
<i>Nemosia pileata</i>					
<i>Thlypopsis sordida</i>					
<i>Habia rubica</i>					
<i>Tachyphonus cristatus</i>					
<i>Tachyphonus rufus</i>					
<i>Ramphocelus bresilius</i>					
<i>Thraupis sayaca</i>					
<i>Thraupis palmarum</i>					

Nome do Táxon	UBA	ITA		URU	
	S	S	C	S	C
<i>Tangara brasiliensis</i>					
<i>Tangara seledon</i>					
<i>Tangara cayana</i>					
<i>Tangara velia</i>					
<i>Dacnis cayana</i>					
<i>Cyanerpes cyaneus</i>					
<i>Chlorophanes spiza</i>					
<i>Hemithraupis flavicollis</i>					
<i>Conirostrum speciosum</i>					
<i>Conirostrum bicolor</i>		X			
<i>Ammodramus humeralis</i>					
<i>Sicalis flaveola</i>					
<i>Emberizoides herbicola</i>					
<i>Volatinia jacarina</i>					
<i>Sporophila nigricollis</i>					
<i>Sporophila leucoptera</i>					
<i>Tiaris fuliginosus</i>					
<i>Arremon taciturnus</i>				X	
<i>Caryothraustes canadensis</i>		X			
<i>Saltator maximus</i>					
<i>Saltator similis</i>					
<i>Parula pitaiayumi</i>					
<i>Geothlypis aequinoctialis</i>					
<i>Phaeothlypis rivularis</i>					
<i>Cacicus haemorrhous</i>					
<i>Cacicus cela</i>					
<i>Icterus jamacaii</i>					
<i>Gnorimopsar chopi</i>					
<i>Molothrus rufoaxillaris</i>					
<i>Molothrus oryzivorus</i>		X			
<i>Molothrus bonariensis</i>					
<i>Sturnella superciliaris</i>					
<i>Carduelis magellanica</i>					
<i>Euphonia chlorotica</i>					
<i>Euphonia violacea</i>					
<i>Euphonia xanthogaster</i>					
<i>Euphonia pectoralis</i>					
<i>Passer domesticus</i>		X	X		X

■ = espécies registradas no levantamento preliminar


X = observadas fora dos censos - S = campanha de seca C = campanha de chuva

**TABELA 26 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA HERPETOFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NA MATA DE CIPÓ DE JEQUIÉ**

PT	MUNICÍPIO	COORDENADAS	TIPO DE AMBIENTE
11	Jequié - JEQ	13°53'49.24"S 40° 0'48.01"W	Mata de cipó, com aproximadamente 1000 hectares


**TABELA 27 – ESPÉCIES DE ANFÍBIOS REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NA MATA DE CIPÓ DE JEQUIÉ**

Taxa	JEQ
<i>Rhinella aff. icterica</i>	
<i>Rhinella jimi</i>	
<i>Dendropsophus minutus</i>	
<i>Dendropsophus nanus</i>	
<i>Hysiboas crepitans</i>	
<i>Scinax x-signatus</i>	
<i>Trachycephalus venulosus</i>	
<i>Trachycephalus nigromaculatus</i>	
<i>Physalaemus cuvieri</i>	
<i>Leptodactylus fuscus</i>	
<i>Leptodactylus labyrinthicus</i>	
<i>Leptodactylus ocellatus</i>	

 = espécies registradas no levantamento preliminar

**TABELA 28 – ESPÉCIES DE RÉPTEIS REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA NA MATA DE CIPÓ DE JEQUIÉ**

Taxa	JEQ
<i>Enyalius erythroceneus</i>	
<i>Apostolepis cearensis</i>	

 = espécies registradas no levantamento preliminar


**TABELA 29 – PONTO DE AMOSTRAGEM DA HERPETOFAUNA EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA MATA ATLÂNTICA (FLORESTA OMBRÓFILA) DA BAHIA**

PT	MUNICÍPIO	COORDENADAS	TIPO DE AMBIENTE
12	Ilhéus - ILH	14°26'18.85"S 39°19'23.10"W	Mata Atlântica e cabucas, com cerca de 25000 hectares

**TABELA 30 – ESPÉCIES DE ANFÍBIOS REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM MATA ATLÂNTICA (FLORESTA OMBRÓFILA) DA BAHIA**


Taxa	ILH
<i>Ischnocnema cf. paulodutra</i>	
<i>Ischnocnema cf. ramagii</i>	
<i>Ischnocnema vinhai</i>	
<i>Ischnocnema sp.</i>	
<i>Frostius erythrophthalmus</i>	
<i>Rhinella crucifer</i>	
<i>Rhinella hoogmoedi</i>	
<i>Rhinella aff. ictérica</i>	
<i>Haddadus binotatus</i>	
<i>Haddadus sp. (aff. binotatus)</i>	
<i>Hilomantis cf. aspera</i>	
<i>Bokermannohyla cf. pombali</i>	
<i>Dendropsophus branneri</i>	
<i>Dendropsophus bipunctatus</i>	
<i>Dendropsophus elegans</i>	
<i>Dendropsophus haddadi</i>	
<i>Dendropsophus minutus</i>	
<i>Hypsiboas albomarginatus</i>	
<i>Hypsiboas atlanticus</i>	
<i>Hypsiboas crepitans</i>	
<i>Hypsiboas exastis</i>	
<i>Hypsiboas faber</i>	
<i>Scinax auratus</i>	
<i>Scinax euridice</i>	
<i>Phyllodytes wuchereri</i>	
<i>Physalaemus camacan</i>	
<i>Physalaemus cuvieri</i>	
<i>Leptodactylus natalensis</i>	
<i>Leptodactylus ocellatus</i>	

Taxa	ILH
<i>Leptodactylus spixii</i>	
<i>Leptodactylus sp.</i>	

 = espécies registradas no levantamento preliminar

**TABELA 31 – ESPÉCIES DE RÉPTEIS REGISTRADAS EM LEVANTAMENTO PRELIMINAR NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA EM MATA ATLÂNTICA (FLORESTA OMBRÓFILA) DA BAHIA**

Taxa	ILH
<i>Hemidactylus mabouia</i> *	
<i>Alexandresaurus camacan</i>	
<i>Enyalius cateatus pictus</i>	
<i>Enyalius iheringii</i>	
<i>Leposoma scinooides</i>	
<i>Oxybelis aeneus</i>	
<i>Pseudoboa nigra</i>	
<i>Lachesis muta</i>	

 = espécies registradas no levantamento preliminar